

Directora: **Nassaete Miranda**  
11 Setembro de 2013  
Nº **106** | Preço: 2 euros  
Quinzenalmente às quartas

# AS ARTES ENTRE AS LETRAS



Sábado, 14 de Setembro, às 18h30, no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner - em Gaia - Gil Nunes apresenta a sua nova obra sob a chancela da SEDA Publicações.

// PÁGS. 24 e 25



## Manuela Bacelar

42 anos a ilustrar histórias // PÁGS. 4 e 5

PORTO, CIDADE DE BOAS CONTAS.



Dívida



Impostos



Qualidade de Vida





SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.  
Capital Social: 5.000 €  
Número de Certidão: 0232-6801-3200  
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
E-mail: singplural@gmail.com

## FICHA TÉCNICA

**DIRECTORA:** Nassaete Miranda  
**EDITORIA:** Isabel Fernandes  
**FOTOGRAFIA:** Ângela Velhote  
**DIRECÇÃO COMERCIAL:** Maria José Guedes  
**GRAFISMO:** Pedro Cunha  
**PAGINAÇÃO:** Pedro Cunha  
**SITE:** Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira  
**CONTACTOS:** Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
Email: artesentreletras@gmail.com  
**REGISTO NA ERC**  
125685  
**IMPRESSÃO**  
Selecior - Artes Gráficas, LDA  
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90  
**DISTRIBUIÇÃO**  
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém  
Telef: 21 433 70 00  
**PONTOS DE VENDA**  
contactcenter@vasp.pt  
Telef: 80820655 - Fax: 80820613  
**PROPRIEDADE:**  
Singular Plural  
**NIF**  
509578942  
**TIRAGEM**  
1250 exemplares  
*Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais*

## CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis  
António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira  
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo  
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco  
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya  
José Rodrigues | Levi Guerra  
Lidia Jorge | Luisa Dacosta  
Manoel de Oliveira | Mário Cláudio  
Miguel Veiga | Salvato Trigo

## COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António Fournier | António José Queiroz  
Armando Alves | Artur Serra Araújo | Carlos Cabral Nunes  
Carlos Vaz | Cristino Cortes  
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa  
Francisco d'Eulália | Jorge Sanglard  
J. Esteves Rei | José Carlos Seabra Pereira  
Lauro António  
Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim  
Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira  
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

## PARCERIAS



## APOIOS



Nassaete Miranda  
directora

# Entre Sentidos

Não há apenas uma definição para terrorismo pela simples razão que ao longo da História tem havido variantes ditadas pela cultura, tradição, religião, etc de cada povo, mas é certo que um acto terrorista é aquele que provoca medo e terror através do uso de violência, física ou psicológica.

Passam neste 11 de Setembro/2013, 12 anos sobre o atentado terrorista que abalou o mundo ocidental, que vitimou milhares de inocentes e que fez despertar a democracia para medidas legislativas anti terrorismo "mais musculadas". Passada a surpresa, a América retaliou, mas o mundo não ficou mais seguro, nem com as retaliações nem com as leis; ficou sim mais desconfiado, mais intolerante e mais musculado.

É pacífica a classificação de "acto terrorista" ao massacre das Torres Gémeas, bem como ao atentado este ano à Maratona de Boston.

E os incêndios? Não são actos provocados por terroristas? O que são os incendiários se não terroristas?

Matam inocentes - bombeiros em luta pela defesa de pessoas e bens, empobrecem o País em floresta e em milhões de euros, provocam desolação e choro e gritos de dor e de indignação.

Desaparecem pessoas, casas, animais, colheitas, sonhos e futuro ANUALMENTE

Se é compreensivo a dificuldade em prevenir a destruição bárbara provocada por terroristas internacionais organizados e motivados por questões políticas e religiosas, já não se entende como é que temos este fado anual de ver Portugal a arder. Falta legislação que puna exemplarmente os culpados, faltam juizes que interpretem as leis de forma igualitária (estou cansada de ver como cada um tem uma leitura diferente para crimes iguais...

pois certamente que isto se deve ao meu desconhecimento...legal) e falta coordenação na investigação - é lamentável ver como a GNR e a Polícia Judiciária se travam de razões mutuamente nestes últimos dias, sobre quem decide prender e investigar.

Para além desta triste figura, ainda temos o coordenador do Centro de Estudos sobre Incêndios Florestais a dizer que todos os anos são devolvidos milhões de euros a Bruxelas, de fundos não investidos na prevenção, e a presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais, diz que: "O Governo gasta quase quatro vezes mais no combate aos incêndios do que na prevenção" e que este na foram atribuídos 74 milhões para combate e 20 para prevenção.

Bonito!  
Neste "jogo do empurra", uma fonte do gabinete do secretário de Estado das Florestas, afirmou que há «vários actores com responsabilidade» na matéria: "a grande maioria (92%) da floresta é privada, sendo o Estado dono de 2%, e as autarquias e comunidades locais dos restantes 6%".

Pois com certeza. Se assim é porque é que o Governo não dá 2% de bom exemplo, porque é que não se penalizam os autarcas laxistas e não se analisam os privados para aferir do abandono?

Não há dúvidas, é "preciso continuar a escavar dentro do ser humano" até ele se tornar cada vez mais humano.

A todos, boas leituras em artes feitas!

## NOTA

*O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.*

## ENTRENÓS

# Prémio de poesia em Fânzeres

A obra «Pomada em pó», da autoria de Boaventura de Sousa Santos (Coimbra), é a vencedora da 22.ª edição do Prémio Nacional de Poesia da Vila de Fânzeres. Promovido pela Junta de Freguesia de Fânzeres (Gondomar), o Prémio Nacional de Poesia foi instituído em 1990 (por altura da elevação da freguesia a Vila) e tem por objectivo divulgar os novos valores da poesia portuguesa. A iniciativa, que tem vindo a assumir crescente relevância a nível nacional, constitui-

-se como uma forma de revelação de novos autores deste género literário. Nesta 22.ª edição foram ainda distinguidos com menções honrosas «Nuvem Com Superfície Variável», de Tiago Nené (Faro), «Lisboa Modos de Habitar», de José Domingos dos Santos (Amora), e «Um homem pendurado na árvore», de Fernando Hilário (Porto).

A cerimónia de entrega de prémios terá lugar no dia 23 de Setembro, às 21h30, na Casa de Montezelo (em Fânzeres).

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:

Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis



**Guilherme  
d'Oliveira Martins**  
presidente do CNC

## Uma Figura Rodeada de Mistério

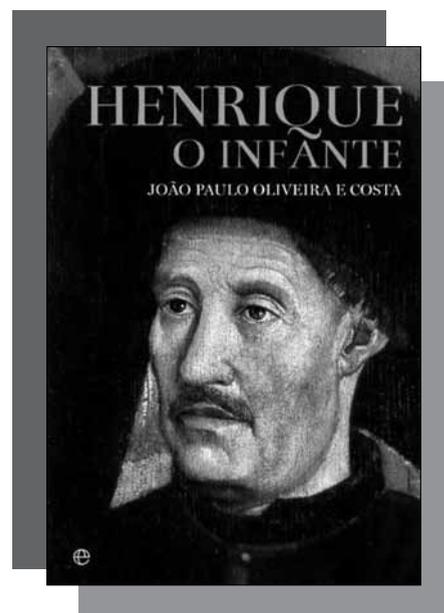
**S**e há figura na história portuguesa rodeada de mistério, essa é a do Infante D. Henrique (1394-1460). Uns glorificam-no, outros apoucam-no e talvez todos estes estejam algo fora da verdadeira consideração. Sobre os mistérios, basta lembrarmos-nos do debate sobre a vera efigie do Infante. A mais próxima imagem de quem teria sido Henrique é a que está no pórtico do Mosteiro dos Jerónimos, no entanto são as representações da «Crónica dos Feitos da Guiné» de Zurara, guardada em Paris, e a dos painéis ditos de S. Vicente, de Nuno Gonçalves, que nos permitem identificar mais facilmente Henrique, o Navegador. De facto, o Infante tornou-se um mito, apesar de ser uma das figuras históricas portuguesas sobre quem é possível definir com rigor um percurso de coerência e de vontade. A decisão da exploração da costa de África, e tudo o que se lhe seguiu, é algo que merece cuidada análise - correspondente à ponderação de decisões e acontecimentos que têm tudo menos de acaso. A conquista de Ceuta (1415) permitiu a compreensão das dificuldades colocadas, a Portugal e à Península Ibérica, na entrada do Mediterrâneo e no comércio com o Levante. As cinco razões aduzidas por Gomes Eanes de Zurara têm de ser lidas em estreita ligação com as fortes condicionantes económicas, políticas e territoriais: (a) a vontade de conhecer as novas terras; (b) as razões comerciais para a troca de produtos; (c) o poderio dos "mouros daquela terra d'África", muito maior do que comumente se pensava; (d) saber se haveria rei cristão naquelas paragens; (e) a expansão da fé cristã. Sobre tudo, pouco se entenderá se não invocarmos a profunda crise económica e social sentida em Portugal e na Europa no último quartel do século XIV, que obrigou à procura de alternativas. Se o Infante não é uma figura isolada, o certo é que tem uma quota-parte fundamental no planeamento e na administração de um reino que não poderia nem queria ficar confinado ao território peninsular, às limitações mediterrânicas e às ameaças dos mouros, árabes e otomanos.

D. Henrique foi profundamente marcante e cioso dos seus domínios, era duque de Viseu, senhor da Covilhã, governador da Ordem de Cristo, senhor dos arquipélagos da Madeira e dos Açores e do barlavento algarvio, mas também detentor do monopólio das saboarias, da pesca do atum, da produção do pastel ou da pesca do coral. Há, no entanto, uma notável complementaridade no seio da chamada Ínclita

Geração, os Altos Infantes, devendo salientar-se a figura de D. João I, que aparece, por vezes, algo apagada, mas que se revela como um autêntico refundador do Reino, na sequência de D. Afonso Henriques e D. Dinis, cada um a seu modo criador de uma realidade política nova ligada à grande frente marítima atlântica, mas também às suas projeções mediterrânicas. Se cuidarmos bem da análise dos acontecimentos, depressa descobrimos que D. Duarte, D. Henrique e D. Pedro articulam inteligentemente ações. A leitura da célebre carta de Bruges, enviada por D. Pedro a D. Duarte, ainda príncipe herdeiro, além de nos revelar a defesa do que mais tarde se designaria como «fixação e transporte», apresenta-nos o que poderíamos designar como um projeto nacional - com uma Administração moderna, uma economia adequada à inovação, uma universidade capaz de seguir o que de mais avançado outras faziam e uma procura de novos modos de funcionar e agir. Está, aliás, por esclarecer inteiramente qual a influência das informações de D. Pedro, recolhidas nesse périplo europeu. O certo é que quer o Livro de Marco Polo quer o misterioso mapa de Fra Mauro devem ser referidos - não que tenham definido um plano da Índia, que só o Príncipe Perfeito assumirá, mas como a necessidade de procurar, como diz Zurara, uma aliança estável para favorecer o comércio com o Levante. Não seria ainda a Índia o objetivo, mas D. Henrique estaria a pensar na Terra Santa, preocupado com o seu poderio e a sua influência, mas também com a sua vocação de cruzado do novo tempo, pensando na libertação da Terra Santa. A atitude perante o desastre de Tânger deve ser lida a esta luz. E, se dúvidas houvesse, basta lembrarmos-nos que Afonso de Albuquerque não esqueceu a ideia. Dotado de uma inteligência superior, D. Henrique ligava razões diversas - políticas, económicas, políticas e religiosas. Segundo Oliveira e Costa («Henrique, o Infante», Esfera dos Livros, 2012), despojado do mito, D. Henrique não é apenas o Navegador, mas é um príncipe preocupado com o seu senhorio e com a sua influência política e um cortesão que sabia influenciar e enlear as demais figuras da corte, através de uma simpatia que o colocou sempre acima das divergências que dividiam os membros da família real. A título de exemplo, veja-se a lista de circunstâncias acompanhadas de intenso labor de nomeações e regalias: em 1416, após a tomada de Ceuta; em 1419, no reforço de efetivos nesta praça; em 1433, na sequência da

morte de D. João e da passagem do cabo Bojador; em 1438, depois da empresa de Tânger, por ocasião do falecimento de D. Duarte e no começo da regência; em 1441-1442, quando foram atingidos o rio do Ouro e a meta da Guiné e na chegada dos primeiros escravos, ouro e malagueta; e em anos posteriores com o reinado de D. Afonso V e o Perdão Geral de 1453...

O Infante moveu-se intensamente em todo o reino, e os períodos de maior frequência nas deslocações, «coincidem com a sua mais intensa ação expansionista: 1437-1441 e 1443-1445. Em ambos os períodos, correu de Lagos a Viseu, cidades gémeas no seu entender. Na primeira, assistia à partida e chegada das embarcações e à repartição das mercadorias; em Viseu, de ordinário, arrecadava o quinto e demais frações que lhe cabiam» (J. Silva de Sousa, «1394-1494 - Do Infante a Tordesilhas», 1995). Aquando do conflito trágico, que culminou em Alfarrobeira, D. Henrique procura contemporizar, sem sucesso, mas é sob a sua influência que o corpo de D. Pedro irá para a Batalha, não podendo esquecer-se que, com interferência do Rei, ver-se-á reconhecido pelo Papa como diretor das navegações, conquistas, ocupações e apropriações de todas as terras, portos, ilhas e mares do continente africano e mesmo dos ainda a ocupar da Guiné para sul sem fixação de quaisquer limites («per totam Guineam et ultra»).



### NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

MANUELA BACELAR EM ENTREVISTA  
AO JORNAL AS ARTES ENTRE AS LETRAS

## “Ilustradora infantil é um carimbo que pesa bastante”

Com 70 anos de idade e 42 de trabalho, a escritora e ilustradora Manuela Bacelar inaugura mais uma exposição no próximo sábado [ver caixa]. Não era a sua intenção, mas hoje é um nome imediatamente associado à Literatura Infantil. As circunstâncias assim o ditaram... Mas é clara: “A minha ideia era ser ilustradora ‘tout court’... Numa conversa descontraída, abordou o seu percurso profissional, falou das mudanças e do presente, e revelou depositar esperança na nova geração de artistas plásticos.

ISABEL FERNANDES

### Em que ano começou como ilustradora? Encontrei datas distintas, 71 e 88.

Em 88, saí da Função Pública e passei a ser freelancer em ilustração. Mas publiquei a primeira vez em 1971: numa colaboração para «O Século» para uma página de humor e, a convite da Isabel da Nóbrega, colaborei também na secção infantil de uma revista chamada «Rita». E aí puseram-me um carimbo: ilustradora para a infância. Quando comecei não era nada essa a minha ideia: era ser ilustradora ‘tout court’, para criança, para adultos... porque quando daqui saí faziam-se livros ilustrados para adultos e eu pensei que ia reencontrar esse mercado e esse mercado tinha acabado.

### Mudança que se verifica durante o período em que foi fazer a sua formação em Praga...

Exacto, enquanto fiz o ensino superior. Eu fiz o equivalente ao liceu no Soares dos Reis e em vez de ir para a Escola de Belas Artes, fui para Paris e daí para Praga. Isto passa-se em 63 e regresssei em Janeiro de 70.

### Como é que entra na ilustração?

Sabia-se que havia uma pessoa que tinha vindo de Praga com o Curso de Ilustração, não era mais do que isso. A partir daí - o mundo é pequeno e Portu-

gal ainda mais - era fácil encontrar as pessoas. E assim comecei, e a ter o carimbo que neste momento pesa bastante!

### É um peso que gostaria de não ter?

Eu acho que já cumpri aquilo a que me propus, que era abrir um espaço que a Leonor Praça tinha deixado; que eu tinha encontrado lá fora e que tinha tido na minha infância que era os livros para os mais pequenos. Quando eu cheguei ao Porto, em 72, recomeçaram a fazer-se livros para a infância - que nunca deixaram de se fazer - mas [agora] com ilustradores melhores, com maior cuidado no texto e ilustração, que foi quando começou a série da ASA Juvenil. E foi nesta altura que comecei a ter uma obra, digamos, mais coerente, mais solicitada, mais regrada, mais ritmada.

### Nessa altura ainda não se dedicava apenas à ilustração?

Tinha também uma avença com uma galeria e durante dois anos foi assim. Mais tarde, fui fazer ilustração para a telescola; daí, fui para a Secretaria de Estado da Comunicação Social, que existia na altura em Santa Catarina [Porto], onde era suposto fazer cartazes - fiz dois cartazes ao todo -, mas já na altura não havia verba e eu ia desenhando. Fiz a minha primeira exposição... Depois fui requisitada para dirigir o Teatro Carlos Alberto (Porto).

### Ilustrar para crianças é uma responsabilidade acrescida?

Hoje tenho consciência disso, quando comecei não tinha, mas o que eu gostava de facto era tudo o que fosse narrativo, fosse cinema de animação, ilustração, teatro, cinema propriamente dito ou banda desenhada. O que eu gostava era de histórias, o formato tanto me fazia! Era-me perfeitamente indiferente! Hoje em dia poderei tirar a conclusão, sem querer estar aqui a fazer grandes análises, que tinha uma sopa de coisas na minha cabeça que me fazia escolher pela narração, mesmo quando eu decido não me dedicar à ilustração, a minha pintura acaba sempre por ser narrativa.

### Que diferenças há na área da ilustração entre o tempo em que começou e hoje?

Eu não fui criada num mundo de «inhos». E em



## Exposição de inéditos

A Galeria Porto Oriental vai acolher uma exposição de ilustrações de Manuela Bacelar. A inauguração está agendada para o dia 14 de Setembro, pelas 21h30, e pode ser visitada até 31 de Outubro. A mostra neste espaço apresentará uma parte de ilustrações de livros que a escritora e ilustradora tem vindo a editar e cujas ilustrações nunca expôs. Tem ainda uma parte de desenhos que tem feito ultimamente, que “não são muito coerentes entre si, mas é uma selecção de desenhos feitos neste século”, como especificou Manuela Bacelar. “São principalmente desenhos”. Durante o mesmo período, a Biblioteca Municipal do Porto apresentará uma Exposição Bibliográfica, essencialmente com livros impressos assinados por Manuela Bacelar e algumas fotografias da artista plástica. Durante o período em que decorrer a exposição, será lançada uma serigrafia especial de Manuela Bacelar, em parceria com o Centro Português de Serigrafia. Em parceria com a Unicepe - Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto decorrerá uma exposição-venda de trabalhos escritos e/ou ilustrados pela artista. Ainda sem datas agendadas, estão ainda previstas, para a Galeria Porto Oriental, uma visita guiada à exposição e uma oficina de ilustração orientadas pela artista.



Praga também constatei que se escrevia para as crianças de outra maneira. Quando regresssei a Portugal, de facto, os livros pecavam por isso. Os livros eram bem escritos, e muito bem escritos, com humor, e muito humor, mas volta e meia era o «inho». E outra coisa que me irritava era porem no texto as cores, porque essa parte é minha! Escusam de descrever tanto, porque se o livro vai ser ilustrado, não precisa de ser tão descritivo! E eu era muito chatinha... e a coisa passou. Ou porque começaram a vir mais livros lá de fora, ou porque aceitavam as críticas.

**Esses «inhos» em que medida são prejudiciais?**

As crianças são pessoas, não são nenhuma alma do outro mundo! E escrever para crianças é escrever para pessoas. E não me acredito que algum escritor tenha na cabeça, mesmo que escreva «inho, inho, inho», que a criança é um ser inferior. Havia, e talvez ainda haja um bocado, a ideia de que escrever para crianças é muito fácil. Nota-se na maneira como os textos são escritos e nota-se pelo tipo de descrição que acaba por ser desadequada - nem é para muito pequenos, nem é para adolescentes, nem é para adultos.

**Em que fase da sua carreira está?**

Apetece-me continuar a fazer o que tenho feito ultimamente: pego num livro sobre um determinado tema, faço-o e apresento-o à editora...

**Já não está a aceitar encomendas?**

Às vezes aceito, mas tenho de gostar mesmo. Mas não pense também que isto signifique o reverso da moeda: eu não aceito, mas proponho os meus. Não! Quando illustrei «A Sereiazinha», escolhi o formato do livro, a tradução, o conto, propus e o livro saiu. Fiz uma exposição sobre Kafka porque não

queria fazer um livro sobre Kafka... e acho que o caminho começa a ser esse, pegar num romance e fazer uma exposição.

**A cor é essencial na ilustração?**

A cor é tão importante como o papel. Tudo é importante. Eu neste momento estou numa encruzilhada, que é aquelas perfeitas árvores de natais que são os escaparates dos livros infantis. Brilhos, purpurina, cores que não existiam... não tenho nada contra, mas só assim? Muita cor que é para ser o primeiro a ver-se?

**Como é que surgem os temas para os livros que escreve e ilustra?**

Os meus a 100 por cento... A maior parte das vezes, penso numa brecha.

**Para que funcionem como sugestões?**

Não dou sugestão nenhuma! Eu, simplesmente, conto uma história feliz entre um avô e um neto, no caso de «O meu avô». O meu problema, às vezes, não é começar as histórias, é o meio. Como é que começo e como é que acabo eu sei... preencher o meio é que é difícil. Porque gosto de romances enxutos, sem nada a mais. Gosto de personagens muito bem definidas, muito coerentes, e gosto de uma certa poupança de palavras. Dar o ambiente com coisas subtis e que vêm a propósito de qualquer coisa.

**Como ou quem é que escolhe a técnica para as suas ilustrações?**

O texto e/ou o papel. Porque há papéis tão bonitos que muitas vezes para não os estragar faço desenhos muito levezinhos. Eu não quero que o meu desenho interfira com aquele papel que escolhi porque estava de acordo com aquele texto. Tudo está em harmonia. Mas é que tudo mesmo tem que estar em harmonia. E não estamos só a falar em livros.

**O que é que a faz recusar um trabalho?**

Em primeiro lugar e à cabeça, as piroasadas!

**Como é que surgem os trabalhos de temas livres?**

Surgem pelo prazer que me dão...

**Como é que vê o futuro da Cultura em Portugal?**

Quando estou com jovens de vinte e poucos, trinta anos, acho que eles têm uma pedalada que a geração a seguir à minha não tinha. Fazem coisas giríssimas!

**Então o futuro está assegurado?**

Eu tenho esperança nesta malta que anda aí a fazer coisas, que se juntam. E há cada vez mais malta a arriscar dedicar-se a tempo inteiro à sua arte. Isso não se via. E muitos desses ilustradores que andam a brincar com os preços, fazem-no porque têm trabalhos paralelos, mas se a proposta das Artes Visuais avançar e metade deles ficar desem-

pregado, com certeza que vão sentir na pele e vão sentir necessidade de meter os editores na ordem a nível de pagamento.

**Os editores estão a precisar disso?**

As editoras pagam o direito de autor, mas não pagam a encomenda de trabalho.

**Quer explicar?**

Há duas formas: eu faço um livro que não me foi encomendado, vou à editora propor a publicação e é um risco, para a editora e para mim, aí, direitos de autor. Se eu recebo uma proposta para ilustrar um livro, é uma encomenda e aí eu levo um valor por ilustração e nas edições seguintes cobro o direito de autor (que como é uma edição partilhada, o valor é dividido). Mas ninguém faz isto... sejam eles a propor, seja o autor a propor, é tudo igual. E os ilustradores estão de costas viradas!

**E isso poderá dever-se ao aumento de concorrência?**

Se alguém se queixava da falta de concorrência era eu. Não tinha peso nem medida, se me apetecesse fazer um risco ou uma pinta fazia, porque era a Manuela Bacelar! Eu é que nunca caí nesse facilitismo. Agora uma coisa é a concorrência saudável, outra é a concorrência idiota...

**E é nesse ponto que estamos?**

E é nesse ponto que estamos!

**Tem uma opinião sobre o Acordo Ortográfico?**

Sou contra! Completamente! Nem percebo de onde é que isto vem, deve ser desses senhores que fazem para aí livros a granel... Não sei! Uma pessoa bem pensante e bem falante não pode concordar. Eu gostava de perceber onde é que tudo isto começou. Estamos a tirar o c, o c vem do Latim e o Português é uma língua latina! O Brasil é outro continente, é um país novo, nós estamos mais lá para trás.

**Nós abdicamos muito rápido da nossa cultura?**

Mas isso é provincianismo, cá para mim!





**Isabel Ponce de Leão**  
prof. universitária UFP

## 66 Poemas e 11 Repetições de Francisco D' Eulália<sup>1</sup>

**66** poemas e onze repetições de Francisco d' Eulália é a imprescindível exceção que confirma a regra enunciada por George Lukás: "Há muitos versos mas pouca poesia". E é exceção porque, assistindo-se contumazmente a uma aceitação acrítica do novo, aprovando-o antes de uma aturada reflexão, esta obra perturba, provoca e reivindica tempo e reflexão, não se compadecendo de euforias imediatistas. Não se trata de um fenómeno histriónico outrossim de uma obra de arte - neste caso arte poética - que percorrerá silenciosamente o caminho conducente à perpetuação.

Convoco Schlegel e marco o ponto de encontro entre a poesia e o homem: irreducibilidade, especialidade, irreversibilidade do poema - *locus* da emissão poética, identificação forma/essência no tecido sonoro, nas opções lexicais, nas uniões ideológicas, nas estruturas fráscas.

A linguagem cria e escora algo que a excede, inventa liames de forças antagónicas que reclamam participação e mediação. Vozes várias enformam uma anfibologia genesiaca do enigma da criação. O poema é, em Francisco d' Eulália, "máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda a obra humana" (Octávio Paz)

O poeta atinge, na presente obra, uma maturidade incontestável ao aliviar a linguagem de cangas supérfluas e optar por uma poética de entrelinhas, que ostraciza excessos barrocos, e corre por um significativo minimalismo, libertando-se do discursivismo enquanto endossa ao leitor a responsabilidade da leitura dos implícitos. A pertinentíssima retórica do eu cria a ambiência intimista que atinge com a metáfora da casa o seu ponto mais alto. Por um lado, esta abre para o "jardim secreto" (p. 68), elemento protector e salvífico; por outro, a memória prospectiva sabe-a "hipotecada / e já nem o imobiliário onde habita / o sublime / rende" (p. 63). A vida! A dura realidade! Assim de avanços e recuos se vão fazendo os 66 poemas. Neles se inscrevem fórmulas iniciáticas definidoras do trajecto idiossincrático da experiência humana onde a palavra poética é condição sine qua non ao degredo do vazio. Certos poemas possuem características autorreflexivas e, esticando os marcos do dogma intratextual, riem-se e reflectem sobre a sua própria condição. Posposto o exagero eloquente, configura-se uma veemência que, aqui e além, joga camufladamente com marcas surrealizantes.

Práticas intertextuais, num vastíssimo arco temporal, estabelecem diálogos com arquitextos filológicos, literários e pictóricos, numa dissimulada mas natural apetência *ekphrastica* própria do poeta culto que labora a ironia em termos dialógicos e contraditórios quase desvendando uma dimensão autobiográfica.

Nostálgicos, reflexivos, por vezes amargos, servidos por uma economia discursiva, libertos da ortodoxia formal mas demandando o sentir do eu no sentir o mundo, são assim estes sessenta e cinco belíssimos poemas que fazem crer na poesia. Sessenta e cinco, disse bem, porque ao chegar ao sexagésimo sexto, detive-me algo surpreendida e quase desagradada ao ler "A teu lado sou as noites de chuva". Não pela semântica que se mantinha coerente, imperturbável, delicada. Sim pela quebra rítmica e pelo uso de aliterações que me pareceram privar o poema da musicalidade a que os anteriores me tinham habituado. Li e reli metáforas arrojadas e ondulantes imagens. Depois, com toda a independência que o meu estatuto de leitora me confere, repensei e reescrevi o poema constatando a fragilidade da fronteira entre percepção óptica e linguística. Se, por um lado, se presentificam as características próprias de um poema discursivo, por outro há um apelo à poesia visual. A convencionalidade sintáctica demanda uma meta-semântica que fará cessar a argumentação e a demonstração para evidenciar o sentido. Bastaria a quebra dos estatutos grafético e grafémico para se operar um "processo estético" (S. J. Schmidt) em que as linhas do texto dessem lugar à superfície ou mesmo ao volume textual. Quero afinal dizer que as reduções a que a poética de Francisco d' Eulália tem vindo a ceder podem fazer prenunciar uma lenta aproximação à poesia visual de que "A teu lado sou as noites de chuva" poderia ser embrião - não pelo que exhibe, sim pelo que deixa adivinhar nas hesitações melódicas e rítmicas a que atrás aludi, sendo os ruídos o ranger das portas a abrir para novas poéticas.

Sessenta e seis belos poemas, digo, passando um deles por um estádio de promessas cuja energia embrionária poderá desemborcar em contagiante cascata.

*Onze Repetições*, segunda parte da obra, reproduz outros tantos pensamentos / convencimentos tornados aforismos pela convicção exibida.

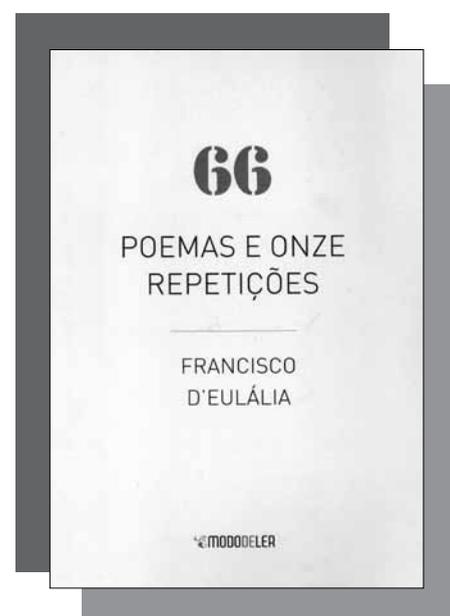
Onze monósticos que reclamam reflexão e onde o *poiéio* reivindica a *poiesis*. Especiais, irreducíveis, irrepetíveis configuram unidades auto-suficientes que ensaiam a transcendência do próprio idioma repetindo e refazendo instantes que, de certa forma, se tornam arquetípicos. A recreação através da leitura agiliza a junção de poeta e leitor tornados dois momentos de uma mesma realidade.

Volto a Schlegel e digo: "Em todo o bom poema é preciso que tudo seja intenção e tudo instinto. Por isso ele se torna ideal". **Quod erat demonstrandum.**

**Uma palavra ainda para a excelência da edição - não surpreende por ser marca distintiva da MODODELER -, animada por uma belíssima pintura de Armando Alves em jeito de apelo ao visualismo e à capacidade cromática da poesia de Francisco d' Eulália.**

**Do prefácio, nada digo. Quando os grandes mestres escrevem, os discípulos só têm que os ler - li e reli.**

Quanto ao mais, é em redes intrincadas que o poeta se esconde e se sublima. Depois há o instante da comunhão com quem lê - é o momento da esperada e conseguida revelação.



NOTA

1 Porto: MODODELER, 2013.

**Adeldo Gonçalves**

doutor em Literatura Portuguesa (USP)

# Camilo Pessanha na intimidade

**I** Depois de publicar *Clepsidra e outros poemas*, para o qual escreveu o prefácio e fixou o texto, com ilustrações de Rui Campos Matos (Lisboa: Livros Horizonte, 2006), e *A imagem e o verbo: fotobiografia de Camilo Pessanha* (Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau e Instituto Português do Oriente, 2005), o pesquisador literário Daniel Pires (1951) acaba de lançar *Correspondência, dedicatórias e outros textos, de Camilo Pessanha* (Campinas: Editora Unicamp; Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal), que reúne 19 cartas do poeta português que se encontravam parcial ou integralmente inéditas e 59 que estão disseminadas por livros esgotados e por periódicos de difícil acesso.

Obra desde já imprescindível para quem se aventurar a escrever sobre Camilo Pessanha (1867-1928), o livro traz ainda uma minuciosa cronologia que avança até 2010, acrescentando obras, teses acadêmicas, filme e exposições realizadas sobre a vida e a obra do poeta. Nos anexos, além de dedicatórias feitas a amigos e admiradores, há dois textos da lavra do funcionário público Camilo Pessanha: um relatório encaminhado ao secretário-geral do Governo de Macau sobre a atividade pedagógica das Irmãs Canossianas na cidade e uma ata secreta do Governo de Macau, que consta de acervo do Arquivo Histórico de Macau.

No primeiro documento, Pessanha, presidente de uma comissão nomeada pelo governo, avalia a atuação de uma congregação religiosa na prática educacional. De sua leitura, vê-se a influência e consequências em Macau da revolução republicana de 5 de outubro de 1910, depois da deposição da monarquia em Portugal. O segundo documento, de certa maneira, relata o inconformismo do poeta diante da provável execução, se fosse extraditado, de um alto dignitário chinês, Lam-Kua-Si, perseguido pelo vice-rei de Cantão.

Como observa Daniel Pires no ensaio que escreveu à guisa de prefácio, em razão da dependência de Macau em relação à China, todas as personalidades portuguesas convocadas a aconselhar o governador diante do pedido feito pelo vice-rei se colocaram a favor da extradição, com exceção de Pessanha, que justificou em separado a sua posição, ainda que não houvesse “decerto bandidos mais bestialmente cruéis do que esse Lam-Kua-Si”, como escreveria mais tarde, em 1912. É que ao poeta repugnava o comportamento indigno dos tribunais chineses bem como os métodos desumanos com que as autoridades do país faziam cumprir a pena, métodos tão abjetos que talvez só concorressem em crueldade com os que seriam praticados pelos esbirros da ditadura militar brasileira de 1964.

Eis como Pessanha descreve um deles num prefácio que preparou para o livro *Esboço Crítico da Civilização Chinesa*, de J. António Filipe de Moraes Paíha, publicado em Macau em 1912: “(...) Entre os suplícios restaurados havia a sensacional morte de gaiola, em que o paciente era suspenso pelo gasnete, mas de modo a poder apoiar no chão os dedos dos pés, e deixado nessa divertida posição, de equilíbrio instável, até morrer de esgotamento”.

**II** A respeito das dedicatórias, há uma observação: não são dedicatórias feitas ao correr da pena, de forma burocrática, apenas com o intuito de cumprir uma formalidade, mas que, em muitos casos, apresentam detalhes introspectivos que ajudam a compreender a alma do poeta. Obviamente, as cartas aqui reunidas ajudam muito mais a conhecer a profunda capacidade introspectiva de Camilo Pessanha, além de sua concentração no estudo do idioma e da civilização sínicos.

Eis o que escreve ao amigo Carlos Amaro em 1912, à época em que cuidava da tradução de «Oito Elegias Chinesas», publicadas dois anos mais tarde no jornal *O Progresso*, de Macau: “Em quase vinte anos de Macau, fui-me adaptando ao meio, por um trabalho penível, embora em parte inconsciente, que me incapacitou para ser qualquer coisa fora daqui. São quase vinte anos de estudo, mais ou menos assíduo, da língua chinesa, dos costumes chineses, da arte chinesa. A língua, principalmente desde que cheguei aqui a última vez, há três anos, tenho-a estudado brutalmente -, no furor de me absorver fosse no que fosse, para ver se conseguia distrair-me de tantas desgraças a que não posso dar remédio e que são a minha obsessão”.

No prefácio, Daniel Pires lamenta que se tenha perdido a correspondência que, por certo, existiu entre Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes (1854-1929). Este poeta radicou-se em 1886 em Macau, onde desempenhou funções como oficial da Marinha, e desenvolveu uma estreita amizade com Pessanha. Em 1896, foi para o Japão a fim de participar do trabalho de instalação do consulado português em Hiogo e Osaca e manteve-se naquele país até falecer.

Sua correspondência, porém, desapareceu, já que sua casa, em Tokushima, cidade do Sul do Japão onde se havia instalado, não resistiu aos bombardeamentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. Já o espólio literário de Pessanha, como observa Pires, foi vítima da incúria de seu filho e apenas uma parte dela recuperada por Danilo Barreiros, que seria seu biógrafo, em 1931, quando dava seus primeiros passos em Macau.

**III** Daniel Pires, doutor em Cultura Portuguesa pela Universidade de Lisboa, lisboeta de nascimento e setubalense de coração, é mais conhecido por suas pesquisas sobre Bocage (1765-1805), sua paixão literária, o que o levou a assumir a direção do Centro de Estudos Bocageanos, de Setúbal, além de defender tese de doutoramento a respeito da obra do poeta, a quem considera “um transgressor”. Foi responsável pela edição da *Obra Completa de Bocage*, publicada pela Edições Caixotim, do Porto, entre 2004 e 2007.

Essa paixão pelo poeta e sua obra, porém, nunca o limitou em suas pesquisas. Tanto que é autor de várias obras sobre Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes e Raul Proença (1884-1941). Licenciado em Filologia Germânica, já deu aulas de inglês no ensino secundário e foi professor em Setúbal, embora possa ser encontrado com frequência nas salas de leitura da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Sua paixão pela pesquisa e seu gosto pelo conhecimento já o levaram a trabalhar em São Tomé, Angola, Moçambique, Macau, China, Goa e Escócia. Em Macau viveu por três anos, entre 1987 e 1990, onde atuou na Universidade local, e, mais tarde, ensinou na Universidade de Cantão, a cerca de 120 quilômetros de Hong Kong.

É autor de importantes trabalhos de divulgação da obra de Bocage, como o livro *Fábulas de Bocage* (Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2000) e a organização e publicação da brochura da Exposição Biobibliográfica comemorativa dos 230 anos de nascimento e dos 190 anos da morte de Bocage (Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal/Biblioteca Pública Municipal de Setúbal, 1995). Com Fernando Marcos, preparou a edição de uma pasta com 15 belos postais (sépia) sobre *Bocage na Prisão* (Setúbal, CEB, 1999).

Publicou ainda o *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa no Século XX* (Lisboa, Editora Grifo, 1996), constituído por três volumes. E promete lançar em breve o *Dicionário da Imprensa de Macau*, trabalho de pesquisa a que se dedicou nos últimos anos. Colaborou no *Dicionário de História de Portugal* e no *Dicionário de Fernando Pessoa*, além de fazer parte da comissão que organizou as comemorações do bicentenário da morte de Bocage, em 2005.

## NOTA

**Correspondência, Dedicatórias e Outros Textos**, de Camilo Pessanha, com prefácio, organização, cronologia e notas por Daniel Pires. Campinas: Editora Unicamp; Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 333 págs.



**Mário Pinto**  
professor universitário

# Madrugada Suja: retrato carregado

**P**ara quem ler com regularidade as análises de Miguel de Sousa Tavares (MST) num conhecido hebdomadário, *et pour cause* estiver familiarizado com uma escrita onde pontifica o comentário cínico, não constituirá surpresa a causticidade que emana de *Madrugada Suja*, retrato tão fiel quão impiedoso do Portugal dos últimos trinta anos. Suavizado apenas pela subliminar mensagem de esperança nas novas gerações: o incorruptível Filipe e a impoluta Eva, únicas ilhas num oceano de abjecção. Ainda que se ignore se o objectivo que presidiu à concepção do livro era proceder a uma inventariação exaustiva das iniquidades que fazem a história do passado próximo - leque demasiado amplo de promiscuidades entre as quais pontifica a que se entretece entre a política e os interesses instalados (a banca "intermediava, comissionava, cobrava, prosperava", 202), para referirmos apenas um dos piores flagelos do inexaurível rol de que a sociedade hodierna enferma -, a verdade, contudo, é que o autor, dando livre curso ao fio das ideias, explana o seu ponto de vista sobre essas vilanias (casuisticamente apreciadas), objurgando os excessos ao longo desse período cometidos. E, visto não escassear a matéria-prima, bastou-lhe ser perspicaz na triagem da mais ostensiva. Que vai da proliferação de "hospitais sem médicos" (203) e de "centros culturais e de congressos, onde os únicos acontecimentos concorridos eram os da própria inauguração" (as "obras públicas" eram "o mais rentável" deste maná) à compra de "aviões F-16 para inexistentes combates aéreos" e a situações mais grotescas. Corolário da circunstância de Portugal atravessar um ciclo ("o Estado tinha milhões para gastar em qualquer coisa") alimentado "por um filão de dinheiros europeus a perder de vista" - "Bruxelas financiava tudo" (202) - pelo que bastava ser destituído de escrúpulos e apresentar "projectos, ideias ou apenas o seu simulacro" para participar no manjar, o que facilitou a acção dos poderes instituídos ("construíam, mostravam, ganhavam eleições") e a emergência de plethora de arrivistas ("Agricultores recebiam dinheiro para se modernizarem e modernizavam-se comprando Porsches e Mercedes"), cujo paradigma, porque levado ao paroxismo, é a "fundação de uma universidade privada, sediada numa vivenda de Lisboa e cujo fundador e reitor não tinha nenhuma habilitação académica além do ensino básico." (203)

Começando pelo relato pormenorizado do cri-



me que subjaz (e enforma) a toda a trama (numa narração feita de trás para a frente, adensando o suspense), só depois vão sendo paulatinamente aduzidas as explicações conducentes ao seu cabal esclarecimento, requisito imprescindível à reposição da paz de espírito do protagonista - cuja perda, assinalada logo no parágrafo inicial ("quando estava a fechar os olhos para dormir, voltavam as imagens daquela noite e a mesma dúvida de sempre", 9), é reiteradamente confessada ("atormentado pelos remorsos e pela culpa") - equilíbrio emocional cuja recuperação só no final acontece, devolvendo-lhe na plenitude a almejada tranquilidade. Macroestrutura - que, na essência, constitui a história de Filipe - polvilhada de várias microacções, nela encaixadas, e que, correndo alternadamente, servem *ad libitum* a intenção do autor: crítica social e política. Por onde desfilam os principais cavalos de batalha dos comentários jornalísticos de MST e os seus ódios de estimação: presidentes de câmara venais, atolados em sórdidos episódios de corrupção, que acriticamente "assinavam por baixo" viabilizando urbanizações nos "últimos espaços preservados do país" (186); 'patos-bravos' ("Essa raça de construtores civis que subira a pulso na vida, sem estudos") por quem nutre visceral desprezo ("O Comendador [...] era um verdadeiro 'pato-bravo'", 183).

Traves-mestras em que vêm incrustar-se, tendente a esteá-las, dois outros vectores indispensáveis seja para os divulgar seja para os 'legitimar': o jornalismo corrupto das agências de comunicação, cujo funcionamento não se exime de exprobrar, denunciando de forma corrosiva o porquê do aparecimento de certas notícias: "Ninguém melhor do que os seus jornalistas secretamente avançados nas redacções dos jornais" para conseguir a veiculação de "artigos que explicavam" (186) como leis estúpidas impediam a aprovação de brilhantes projectos; os grandes escritórios de advogados, cuja escolha constituía o "primeiro e decisivo passo", a pedra angular para "a conquista dos centros de poder, onde se ganhavam os grandes contratos e se faziam os grandes negócios", e que tinha, *ipso facto*, de ser criteriosa: "Povoados de doutores, mestres, ex e futuros ministros, com representação dos principais partidos políticos, e onde se praticava a prestigiada advocacia do tráfico de influências" (184), requisito cuja imprescindibilidade se tornava por demais patente "quando as coisas se complicavam: os mestres conheciam sempre alguém no governo que aceitasse que fosse o escritório a redigir o contrato que o governo devia assinar com o cliente do escritório". Procedimento nada ortodoxo que merece a MST um comentário eivado de mordacidade: "Por essa

# ou simplesmente fiel?



subtil arte da tração sem papéis e da corrupção sem rasto, feita de elegância e sensibilidade, é que esses advogados se faziam pagar tão caro” (185).

Em diferentes patamares, é ainda esquisita a análise sociológica do ADN de parte não despidida da sociedade, em que não é poupada a actuação de procuradores mais empenhados em projectos pessoais (“ser chamado ao crime mediático onde as verdadeiras carreiras se consolidavam”, 298), deslumbrados pelo “poder fantástico de invadir as instalações dos bancos sob o olhar das câmaras de televisão” e de uma “imprensa atenta, com a qual traficavam notícias a troco de elogios” (298); tampouco é obnubilado o *arrière-pensée* contra clero e docentes – o *affaire* em que pároco e professora são surpreendidos em poses menos curiais na sacristia (31), o que levou à expulsão dela da aldeia, continuando por lá o padre, o que motiva mais um comentário irónico do autor: “Essa foi a primeira lição que aprendi: o pecado depende do sujeito, não do predicado.” (34). *Parti pris* similar do que vota a tudo o que seja conotado com a Esquerda: o Albino das Facas é ridicularizado à *outrance*; acerbas são também as considerações que tece acerca da reforma agrária (uma UCP que antes da nacionalização funcionava com 24 trabalhadores, “empregava agora 61”, 46).

Concomitantemente são enviadas farpas certezas que tanto podem ter um destinatário por demais consabido – “o que, para ele, valia muito mais do que um doutor parido em oito meses e que crescera a conspirar política nas juventudes partidárias” (188); “Sabes quanto custa uma noite de passagem de ano no Copacabana Palace?”, 326) – como serem de maior abrangência, englobarem todos os *parvenus* (“Achas que neste país alguém faz fortuna só a trabalhar? Conheces algum rico que não faça batota de alguma maneira?”, 326).

Subsecivamente, é afluído o despovoamento do interior (“Um Portugal de aldeias mortas”, 232), pondo o enfoque na migração para as grandes cidades, no inelutável abandono da agricultura, de que resultou um fantasmagórico amontoado “de agricultores sentados à beira das estradas”, a ver passar os camiões que traziam “dessa Europa as frutas e os legumes criados em estufas” (232), tudo insípido.

Estrategicamente distribuídas pelo relato e destinadas a suavizá-lo e a propiciar momentos de interiorização, surgem amiúde tiradas reflexivas de irrefutável pertinência (“o ser humano é extraordinário na sua capacidade de adaptação a tudo, até mesmo à própria canalhice”, 9), máximas com pendor determinista (“Não há forma de escapar ao que está feito”, 9; “quem sabe o que pode ser o dia de amanhã, se o destino é um ladrão emboscado?”, 32) e outras tão-só caracterizadoras do contexto envolvente (“Neste ambiente de ódios à solta”, 78; “Aprendi a odiar os mentirosos [...] que se habituaram a abrir caminho na vida mentindo”, 346).

Concluída a abordagem conteudística do livro – cujo título é ditado já no fim (347), por Eva, que, intuindo a hesitação de Filipe em usar a palavra, completa a frase apondo o adjectivo ao nome madrugada (“Suja: é isso mesmo.”) –, vejamos agora, *en passant*, os aspectos formais. Começando pelas categorias da narrativa e, nestas, pelo espaço, caracterizado por acentuada concentração: com ligeiras incursões por outros lugares (todos no Sul), a acção (condensada q.b.) decorre preferencialmente em Medronhais da Serra, recôndita aldeia a que se confinara a existência de Filipe até ir estudar e à qual regressa amiúde para visitar o avô. Outrossim condensado é o tempo: ainda que a acção abranja um leque temporal de trinta anos, o núcleo central cinge-se a escassos meses, sendo o restante narrado através do recurso a recorrentes analepses explicativas. As personagens – vasta galeria (maioritariamente me-

ros figurantes, destinados a dar cor local) que entra e sai em função dos módulos – limitam-se, no essencial, a escassos pares (só Filipe e o avô são omnipresentes).

Passando ao discurso, é neste âmbito que surgem os aspectos mais merecedores de reparo: desde logo pela sua inadequação a parte não despidida das personagens. De facto, não abona a verosimilhança, tampouco é crível que, quer a avó e o avô (Tomaz da burra) quer um arquitecto, uma procuradora e um médico falesem todos no mesmo registo. Para fazer jus ao seu perfeccionismo, MST deveria ter tido a preocupação de utilizar diferentes níveis de linguagem consentâneos com as peculiaridades das personagens em presença, única forma de obviar aos desfazamentos verificados. Mas é ao nível da expressão que se nos afigura carecer o livro (conquanto, *lato sensu* considerado, seja de leitura aprazível) de uma revisão mais cuidada, tendente a eliminar anomalias que evidencia, indutoras de disforia, consubstanciadas em recorrentes redundâncias (234, 267, 268, 341; 99; 297), repetições desnecessárias (183; 185), participios duvidosos (75; 119), incorrecta posposição do pronome (121), selecção vocabular menos feliz (74; 105; 206), entre outras.

Repositório das piores vilanias praticadas a coberto de uma pseudolegalidade ou mensagem de esperança na nova geração (de que exclui João Diogo), *Madrugada Suja* aí está, com o adjectivo a fazer pleno jus ao tempo que passa.





**António Fournier**  
escritor

## Inventário de Setembro



**A**peou-se do comboio à chegada à estação, escolheu um transeunte ao acaso e caminhou clandestinamente nas suas costas. Deambulou assim durante algum tempo. A certa altura, agachou-se para atar os sapatos. Era muito cedo. Encontrava-se já na Via Pó, debaixo dos pórticos onde se compram e vendem postais antigos, livros em segunda mão e velhas fotografias. Levantou os olhos e olhou para cima, para um dos expositores. Uma imagem capturou a sua atenção. Havia nela algo de familiar. Aproximou-se e olhou melhor para dentro do vidro. Era uma fotografia a sépia, completamente insólita ali naquela rua, àquela hora sonâmbula.

Viam-se alguns veleiros fundeados numa baía tranquila, um ilhéu isolado como um castelo no meio de uma planície, a zona ribeirinha recoberta de um arvoredado denso, contrastando com a mancha clara do casario. Não se via viva alma, não havia sinais de movimento e não se conseguia divisar que horas eram nos ponteiros do relógio na torre da catedral. O tempo tinha parado ali naquela cidade que parecia a sua, envolta numa estranha aura, próxima e distante, como num sonho.

O sono é uma pequena morte. Dentro dele pode-se sonhar os dias futuros, mesmo aqueles que já não habitaremos. Às vezes há imagens que viajam só para os nossos olhos. O *flash* dura um instante infinito que deixa tudo suspenso, imutável, à espera de uma revelação. Esse momento pode acontecer uma semana depois, um mês depois, um século mais tarde, mas será sempre uma revelação. E inevitavelmente essa forma de codificação do instante em função de uma percepção diferida da realidade, mexe com a nossa capacidade simbólica de sentir.

Esse precioso instante viaja misteriosamente, intacto, puro. Como uma cápsula do tempo, atravessa a longa noite universal. Fora, a vida vai acontecendo: um arquiduque será morto em Sarajevo, uma praça espanhola apinhada de gente será bombardeada, uma mulher calva e magra morrerá numa câmara de gás, uma criança chorará coberta do mesmo napalm que destruiu a sua aldeia, um *beattle* morrerá imaginando, um avião entrará num arranha-céus e outro ainda, para cúmulo do impossível. Quando essa pepita vir novamente a luz do dia comovendo o feliz garimpeiro que a

achar, o tempo terá passado, o tempo e as vidas que esse tempo habitou antes de habitar a nossa.

Numa manhã de um dia longínquo de 1878, um fotógrafo de passagem pela Madeira, levantou-se muito cedo, fez a sua *toilette* e saiu do hotel, munido de vários apetrechos, com um propósito bem preciso. Caminhou em direcção a nascente, escolheu o lugar, montou o tripé, fez várias provas, esperou o momento propício, e fotografou o Funchal. Essa imagem viajou intacta pelo grande rio da História e veio dar a este lado do tempo. Estava numa rua de Turim à espera de ser reconhecida. Quis o acaso que a encontrá-la fosse um habitante daquela cidade.

Andamos todos perdidos nas grandes cidades do nosso tempo, à procura de uma porta de saída. Se tivermos a sorte de encontrá-la, pode acontecer percorrer com novos olhos uma geografia de afectos perdidos que embalará o nosso sono, que é como quem diz, a nossa futura morte. Observando os sinais do tempo, a erosão dos muros, os jardins abandonados, poderemos traçar um breve inventário de Setembro, mês de balanços e de solidões.



**António Leite da Costa**  
ensaísta

# Escatologia das palavras

As palavras têm um fim como nós outros o havemos de ter, quando a chama de esta vida se apagar. Umhas, por serem de tal modo simples e puras, por nunca terem sido conspurcadas pelas bocas imundas e violadas pela saliva pecadora dos que maltratam a língua, não-de dar entrada, por entre hossanas de alegria e de hinos de júbilo, no céu das palavras. Outras, que andaram neste mundo de boca em boca e de mão em mão, que se prostituíram no uso e no abuso, e não tiveram na hora derradeira qualquer vislumbre de sincero e sentido arrependimento, não-de ser lançadas ao inferno que não tem fim, para ser pasto das chamas eternas. Outras ainda, que, tal como os homens, se julgavam boas e honestas mas, pela calada da noite ou por vielas escuras, se entregaram a blasfémias impúdicas, a jogos ilícitos, a negócios corruptos, a invejas mesquinhas, a mentiras deliberadas, a intenções duvidosas e a ambições desmedidas, para, no dia seguinte, ainda tal como os homens, virem bater no peito com fervor e chorar lágrimas de arrependimento sincero, pedindo em altos gritos clemência divina para estes pecados mundanos que só a fraqueza da carne não desculpa nem perdoa, não-de ser lançados ao fogo do purgatório para que o fogo as purifique.

As palavras têm vida. Muitas nasceram antes de nós e não-de ultrapassar-nos no tempo. Outras vieram ao mundo connosco, andámos com elas ao colo com carinho, levámo-las pela mão para não tropeçar nos escolhos do dia-a-dia e depois, quando as sentimos suficientemente fortes para enfrentar sozinhas os perigos de este mundo em que vivemos em comum, dissemos-lhes adeus, ou talvez, até logo. Mas também há palavras que são palavras espúrias, sem pai que se confesse ou mãe que as acarinho. São filhas do acaso. Muitas nasceram com mazelas e defeitos que o tempo transformou em vícios de que ninguém cuida ou de que ninguém quer saber ou sequer ou-

vir falar. São as palavras que só vêm ter connosco nos momentos de desespero ou de decadência, as palavras nocturnas que não gostam de ver a luz do dia. E quantas palavras destas vagueiam agora pelas ruas, penetram diariamente nos lugares públicos, outrora respeitáveis e hieráticos, e entram, sem convite nem licença, através dos meios de comunicação social, nas nossas casas particulares, até aí recatadas e honestas!

dez, de tomar partido nesta vida, mesmo em relação às palavras. Com exagerado e pueril cuidado escolhem as palavras uma a uma para com elas construir frases insípidas, com o diplomático receio de que algum dos ouvintes possa ser alérgico. E se as palavras espúrias, as palavras nocturnas, bem como as palavras mediócras, da moda e do camaleão estão destinadas ao inferno, estas, seguindo o exemplo de Dante, nem isso merecem, quedando-se na antecâmara do mesmo inferno, aí ficando a aguardar o último dia que há-de vir, o dia do juízo que será o derradeiro e o capítulo final a fechar o livro de esta vida.

No purgatório das palavras só entram, as que sinceramente se arrependem das inúmeras e humanas falhas cometidas. É a moradia transitória e natural das palavras que esqueceram o exemplo de seus pais, renegando por vezes as origens do passado em benefício das constantes falácias do presente. É o local destinado às palavras que cedem à pedante ignorância dos que não sabem, com receio de que estes as acussem de verdadeiras, justas e correctas.

E, finalmente, no paraíso das palavras, na mais completa harmonia, vivem para sempre as palavras que os clássicos usaram nesta vida sem temor, as palavras que deram nova forma à língua e vida ao pensamento, as palavras criadoras que não têm tempo nem idade. Algumas, andaram meio esquecidas neste mundo, recatadas e humildes, temerosas de se confundir com as palavras nocturnas; outras, tiveram melhor sorte, e viram-se respeitadas por todos e acatadas por muitos. Hoje, porém, são quase todas elas perseguidas com fúria desmedida pelos que destroem a língua que não amam nem conhecem.

Dêmos vida às palavras e tratemo-las como se vida tivessem. Respeitemo-las. E saibamos escolher entre as palavras que dignificam os que as usam e as palavras que amesquinham e apoucam os que as vomitam. E, sobretudo, não tenhamos vergonha de ainda em Portugal falarmos português.

Mas há também palavras que, tal como os homens, vestem as cores do camaleão e vão mudando de sentido, para não perder o sentido da mudança. São as palavras sem carácter, que servem de camisa aos homens que também o não têm. São ainda as palavras da moda, que convém dizer para não as ouvir, na volta, com um significado deferente. São as palavras mediócras, feitas à medida do tempo que ora corre e de acordo com a estação em que se vive. Há ainda as palavras indiferentes, de que se servem os que são incapazes, por medo, por covardia ou mais prosaicamente por estupi-





**Paulo Ferreira da Cunha**  
lusofilias@gmail.com

# Direito: Mudar de Paradigma

**F**azer Justiça  
Com peias legais ou outras, a contemporaneidade está mais complexa e feudalizada que o clássico feudalismo medieval.

Por um lado, a malha de servidões, de vassalagens. É uma realidade prémoderna que ganha cada vez mais acuidade, temível, nos tempos que alguns já dizem pósmodernos.

Por outro lado, é a complexificação infernal da vida, obrigando a mil e uma corveias: umas pela técnica, que em vez de simplificar tantas vezes complica; outras pelo Direito, que sempre complica. Tem havido, em vários países, Ministérios, Secretarias de Estado, Comissariados, e comissões da desburocratização que, para além de parangonas, normalmente não conseguem atacar a reprodução incessante da burocracia. E que chegam a gerar mais burocracia. É preciso cortar o nó górdio do feudalismo e da burocracia. Sem isso, nada de novo se poderá construir.

Uma outra dimensão a encarar é a dos estrangulamentos, disfunções, contradições no seio do ordenamento. Há tantas normatividades, tanta legislação, que o honesto funcionário público, mesmo ao mais alto nível, muitas vezes não sabe para que lado se virar. Não se sabe, em grande medida, em que lei se vive. É urgente uma simplificação e codificações sintetizadoras dos vários ramos do Direito.

Tal como com a instituição dos tribunais da plebe em Roma, tal como como os visitadores dos cárceres na Espanha medieval, parece que são precisos magistrados com poderes excepcionais. Que consigam cortar o nó górdio de situações de círculo vicioso, de flagrante injustiça, etc. Há casos, pelo mundo fora, normalmente em situações limite, em que não há como ser-se justo senão "cometendo ilegalidades". Ora seria preciso uma magistratura que pudesse apreciar estes casos limite.

E para situações de defesa da Justiça, sobretudo para os pobres, seria preciso que nos países que a não têm fosse instituída uma Defensoria Pública (ou afim). Já Eça de Queiroz não entendia que não houvesse escritórios públicos para a Justiça!

O novo Direito não pode apoucar-se na alienação de uma teia de doutrinas dogmáticas, nem num jogo estigmatizador e em certos casos fungível de polícias e ladrões, nem numa charada de processo ou um virtuosismo de chicana; nem, ainda, num braço armado ou aparelho retórico.

Entender-se-á assim por Justiça, no novo con-



texto (mais ideal que real ainda) a permanente sede de respeito pela Dignidade da Pessoa, pelos seus Direitos Humanos e Fundamentais, naturais e inalienáveis.

É também justiça a reta atribuição do *seu a seu dono*, não numa perspetiva simplesmente proprietarista e coisificadora, mas harmónica e progressiva.

É ainda Justiça a justa partilha por todos dos frutos da Civilização e o direito individual de cada um a poder livremente desenvolver a sua Personalidade, o que implica sermos todos credores, face à sociedade, desde logo de um mínimo de subsistência material, cultural e espiritual. Em que avulta o direito à educação básica e à educação para os Direitos, desde logo os constitucionais e humanos. E também todos somos devedores de justos tributos à sociedade, desde logo de trabalho e participação cívica e política.

E o Direito, na prática, terá de reconhecer-se como sendo o lugar de dialética, mesmo de conflito, entre o justo e o injusto. Já o é, mas é preciso sabê-lo.

## *Estado Constitucional e Social Avançado*

Um novo paradigma jurídico pressupõe a aquisição, estabilidade, irreversibilidade e perfeitabilidade do Estado Constitucional, ou seja, do Estado de Direito democrático, social e de cultura. E a irradiação deste Constitucionalismo contemporâneo para todos os ramos do Direito, com a sua capacidade transformado-

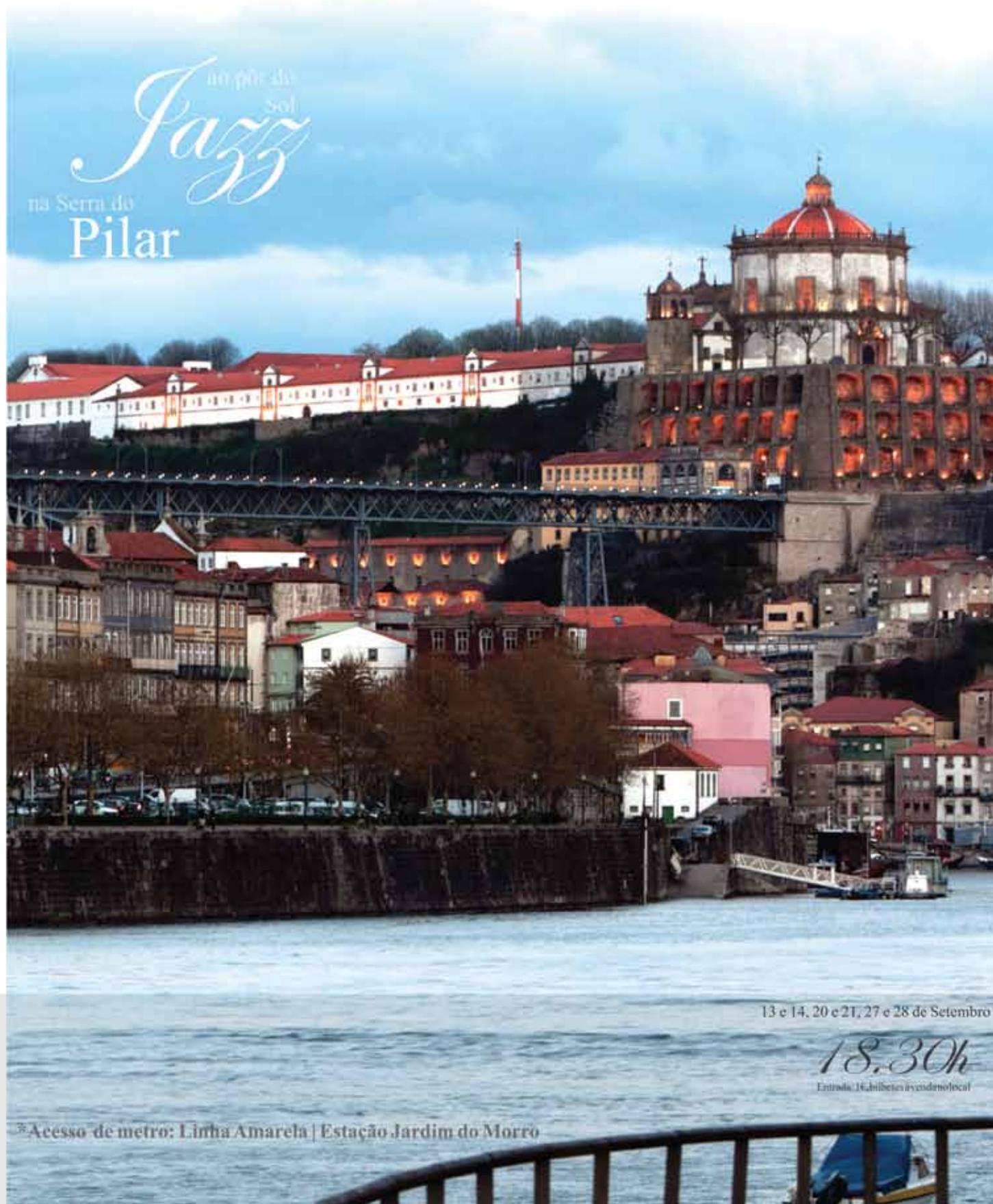
ra. Pressupõe, portanto, não apenas eficazes constituições políticas: Constituições das Repúblicas, ou seja, constituições não apenas do Estado, mas também das sociedades. As quais se querem livres, justas, solidárias, fraternas e sem preconceitos. Se há forças poderosas que pretendem o regresso ao passado, deveriam ser estímulo.

## *Direito com Princípios, Valores e Virtudes*

O Direito Justo deve ser determinado por valores jurídico-políticos constitucionais - desde logo a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade (e para esta caminham a Solidariedade, a Justiça e a Humanidade, que por vezes são seus quase sinónimos). Estes valores dão origem a princípios, tão diversos, mas confluentes, como os da separação dos poderes, do pluralismo político ou da unidade da Constituição e da sua interpretação holísticas, da sua máxima efetividade ou da proibição do retrocesso e da reserva do possível, ou do *nullum crimen sine legge* ou *pacta sunt servanda*. Todos estes princípios valem mais que as leis e menos que os valores.

O triunfo do novo paradigma jurídico será não apenas de um sistema de valores, que se poderiam tornar abstratos. Implica ação prática, vida, uma constante e perpétua luta pela aplicação concreta da Justiça. Tal luta requer que cada agente jurídico tenha um compromisso com os valores mais altos, e atue com virtudes republicanas.

A Direção Regional de Cultura do Norte tem o prazer de o convidar para assistir aos concertos de jazz, com a Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Porto, a realizar todas as sextas e sábados de Setembro, às 18.30h, no Mosteiro da Serra do Pilar\*, em Gaia.



no pôr do sol  
*Jazz*  
na Serra do  
Pilar

13 e 14, 20 e 21, 27 e 28 de Setembro

*18.30h*  
Entrada: 14 bilhetes à venda local

\* Acesso de metro: Linha Amarela | Estação Jardim do Morro



Imagem: Luís Ferreira Alves | Design: Helena Vilar /DRCN



## Definitivamente Peny!

A Galeria Geraldês da Silva, no Porto, acolhe a exposição «Definitivamente Peny! Trinta Anos de Arte!» até 26 de Setembro. Jayr Peny, artista brasileiro residente em Portugal desde meados do século passado, reúne nesta mostra de pintura a acrílicos, desenhos e aguarelas recentes e algumas obras também representativas dos seus trinta anos de carreira agora comemorados.

## Cidade e Arquitectura

A exposição «Cidade e Arquitectura - Património Arquitectónico no século XX: 1910-1974» está patente no Museu do Papel, em Santa Maria da Feira, até ao dia 30 de Setembro. A mostra itinerante resulta de um Programa de Bolsas de Investigação na Área da Cidade e da Arquitectura, promovido pela Fundação da Juventude entre 2011 e 2012, com o apoio da Ordem dos Arquitectos, Secção Regional do Norte. A exposição que iniciou a sua itinerância no Palácio das Artes, no Porto, já passou por Vila Nova de Famalicão e Oliveira de Azeméis.



Ana del Rio

## No REM espaço arte

As exposições «Penso logo existo», de Ana del Rio, e «Somewhere», de Otilia Santos, inauguram no REM espaço arte, no Porto, no dia 21 de Setembro. As mostras de pintura podem ser visitadas até ao dia 26 de Outubro.



«Somewhere», Otilia Santos

## Exposições na Amadora

O Concelho da Amadora celebra o seu 34.º aniversário com um conjunto diversificado de exposições em vários equipamentos municipais. Até ao dia 4 de Outubro pode ser visitada, na Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, a exposição de fotografia «A Amadora Somos Nós», com produção de Camilla Watson. Os Recreios da Amadora acolhem a mostra documental «Homenagem ao Humor de Sempre», sobre os Parodiantes de Lisboa, patente até dia 13 de Outubro. A Galeria Municipal Artur Bual acolhe a «V Exposição de Artes Plásticas do Acervo Municipal», até 20 de Outubro. Aqui estão expostas as obras doadas por cerca de 48 artistas que nos últimos anos (2009 a 2013) visitaram a Amadora. E até ao 23 de Novembro, a Casa Roque Gameiro acolhe a «Aguarelas da Família de Roque Gameiro», da Coleção do Museu da Aguarela de Minde, até dia 23 de Novembro.



Os Parodiantes de Lisboa



## «Actores Sociais»

O restaurante Nacional, em Coimbra, acolhe a exposição de pintura de Maria Almeida «Actores Sociais». Integrada na 145.ª edição de Arte à Mesa, a mostra pode ser visitada até ao dia 28 de Setembro.



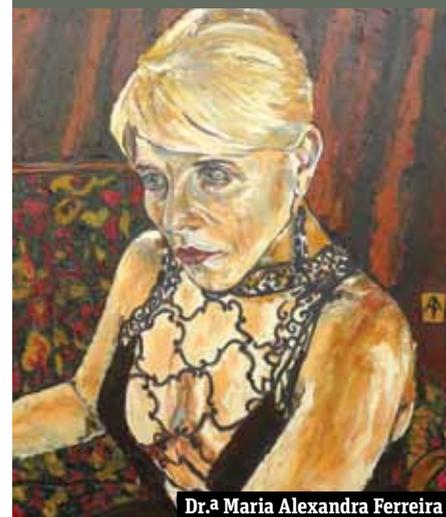
## No Centro Cultural de Bragança

O Centro Cultural Municipal Adriano Moreira, em Bragança, acolhe duas exposições até ao dia 30 de Setembro. Na Sala Luís de Camões está patente «Breve história do parlamentarismo português», uma exposição itinerante do Museu da Assembleia da República. E na Sala Miguel Cervantes po-

de ser visitada a mostra de gravura e têxtil de Cristina Magalhães «Ruja Ruja, quem quiser que fuja!...», cujo tema alude ao jogo da apanhada e às brincadeiras infantis, às pessoas, aos objectos e aos lugares de memória, materializadas pela combinação da gravura, dos têxteis e dos elementos naturais.

## «Rostos da Póvoa»

A exposição «Rostos da Póvoa», da autoria de Afonso Pinhão Ferreira, inaugura na próxima sexta-feira (13 de Setembro), às 18h30, no Posto de Turismo da Póvoa de Varzim. A mostra de pintura será composta por retratos de figuras poveiras que o artista foi pintando ao longo do seu percurso. A mostra poderá ser visitada até ao dia 30 de Setembro.



Dr.ª Maria Alexandra Ferreira



## «A Ria, A Água, O Homem»

O Espaço Q | Quadras Soltas, no Porto, acolhe uma exposição de desenhos da autoria de Manuel Matos Barbosa até ao dia 21 de Setembro. A mostra tem o título «A Ria, A Água, O Homem».

## Colectiva de aguarelas

Até ao dia 24 de Setembro, a Galeria dos Artistas de Gaia (Edifício Douro - loja 46) tem patente uma exposição de aguarelas, com obras de Abílio Guimarães, António Gaspar, José Hermínio, José Lopes, José Silva, Júlio Capela e Júlio Costa.

## O México por Luis Buñuel

Até 30 de Novembro, o Museu do Douro, no Peso da Régua, tem patente a exposição «O México Fotografado por Luis Buñuel». Os trabalhos pertencem à Filmoteca Española que conserva uma colecção de fotografias realizadas por Buñuel para a localização de exteriores (rédérages) dos filmes que realizou no México. Entre 1947 e 1965, realizou vinte filmes no México. Destes vinte, dispomos de fotografias de rédérages de doze. A mostra surge como antecipação à terceira edição do CINECOA, entre 10 e 13 de Outubro.



Hotel Eurostar (Douro 41), de Isabel Furtado e João Pedro Seródio

ROBERTO CREMASCOLO

## «Porto Poetic»

A exposição «Porto Poetic» pode ser visitada a partir do dia 13 de Setembro, no Museu de Arquitectura e Design Triennale di Milano, em Itália. A mostra tem como principal objectivo apoiar a internacionalização e a divulgação de obras de arquitectura de arquitectos portugueses da região norte do país, que incluem no seu método projectual o desenho de objectos e mobiliário que complementam a obra. Na exposição, patente até 27 de Outubro, vão ser apresentadas obras dos arquitectos Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, Fernando Távora, Adalberto Dias, Camilo Rebelo e Tiago Pimentel, Carlos Castanheira, Francisco Vieira de Campos, Isabel Furtado e João Pedro Seródio, João Mendes Ribeiro, José Carvalho Araújo e Nuno Brandão Costa. A inauguração da mostra terá lugar amanhã (12), às 19 horas, juntamente com a apresentação da publicação «Porto Poetic» que, não constituindo o catálogo da exposição, amplia a apresentação do projecto. A sessão será antecedida de um debate, às 17 horas.

## Vitivinicultores homenageados

O Município de Murça homenageia os vitivinicultores do seu concelho, com a instalação de uma escultura na rotunda da Adega Cooperativa. A nova escultura pública da autoria do escultor Hélder de Carvalho faz uma alusão ao vinho, utilizando elementos formais que nos fazem lembrar as aduelas de um pipo e o cálice de degustação. Efectivamente, a ideia da forma do vasilhame, erigida na vertical é encimada pelo desenho de um cálice assente no limite superior. É no cálice inclinado que se vislumbra uma mancha cromática vermelha que representa um resto de vinho. Esta nova escultura, quase toda construída em ferro e pintada em tons metalizados, renova-se com a iluminação nocturna. Fica então a expectativa de se saber até onde a linguagem plástica utilizada irá dialogar com o público e ser compreendida e aceite, apesar da sua intencional modernidade. A escultura foi inaugurada na passada sexta-feira.





# Este Verão visitas especiais ao Parque Biológico de Gaia com transporte de autocarro

Apoio



Em agosto e setembro de 2013 visite o Parque Biológico de Gaia usando as carreiras de autocarros da empresa MGC e usufrua de um bilhete grátis na compra de outro e de uma entrada grátis no Parque Biológico no valor de € 6 com a apresentação deste voucher. Traga a merenda e almoce no nosso parque de merendas ou no nosso self-service.



### Partidas da Central de Camionagem da Batalha (Porto)

À semana: 09:00, 09:15, 09:40, 10:00, 10:10, 10:30, 11:00, 11:15, 11:30, 12:00, 12:40, 13:00, 13:15, 13:35, 14:10, 14:30, 15:00 e 15:30. Ao Sábado: 09:15, 09:30, 10:00, 10:10, 11:10, 10:40, 12:00, 13:00, 13:30, 14:00, 14:10 e 15:15. Ao Domingo: 09:00, 10:10, 12:00, 12:40, 14:00 e 15:00.

Os autocarros que param no Parque Biológico estão identificados com uma placa, mas certifique-se junto do motorista. A viagem demora cerca de 30 minutos e o preço para adultos é de 3,05 € para cada lado. Pergunte na receção do Parque Biológico os horários de regresso ou consulte: <http://www.mgc-transportes.pt>. Poderá, também, vir de Metro (Linha D) até à Estação de D. João II e, aqui, apanhar o autocarro da empresa MGC para o Parque Biológico, usufruindo na mesma de um bilhete grátis, na compra de outro.



**Inácio Nuno Pignatelli**  
escritor

# Boneca

**M**aluca! Minha doida! Então tu fugiste-me assim? Vê lá o que te aconteceu! E que sorte tiveste!

Assim falava o Alves para a cadela castanha, pelo rasteiro, de focinho esbranquiçado, uns olhos meigos que andava a saltitar à sua volta.

- Ah! Agora estás para aí a trambelicar, a dar voltas de contente! Reconheces os sítios não é verdade? Estás em casa. Pois é. Mas foi o bom e o bonito, o bonito que te digo eu minha sonsa! - continuava o Alves, ele também cheio de contentamento como a cadela e explicava:

- Desapareceu-me em Cornes estava eu a falar com um amigo. Distraí-me, entrei para o carro, pensei que ela viesse comigo e nada. Desapareceu mais de três semanas. Corri tudo, Cornes, S. Julião, S. Alípio, aquele triângulo, tudo e nada. - e para a cadela.

- Tu por onde andaste? Vadia! Deves ter andado muito tempo na estrada nacional mas também no monte. Quando a encontraram estava cheia de terra e de mato. Deve ter estado escondida. Já é velhinha, surda e vê mal. Doida!

Mas a Boneca parece entender aquelas palavras e continuava a saltarilhar de volta do Alves que ora fala para ela ora fala para nós. Faz-lhe uma festa.

- Estás contente com o terreiro não é? Pois é a tua casa. Aqui é que é o teu lugar.

Sabem? Apareceu-me um dia na véspera de Natal. A minha nora e o meu filho entraram para aqui e ela entrou também. Achei-lhe graça. De quem era? De quem não era? Ao que parece estava abandonada que ninguém a reclamou. Fiquei com ela e afeiçoou-se.

Quando apareceu todos nas redondezas a vieram visitar que esta gente é boa gente. E diziam: - Olha como é bonita! E castanha!

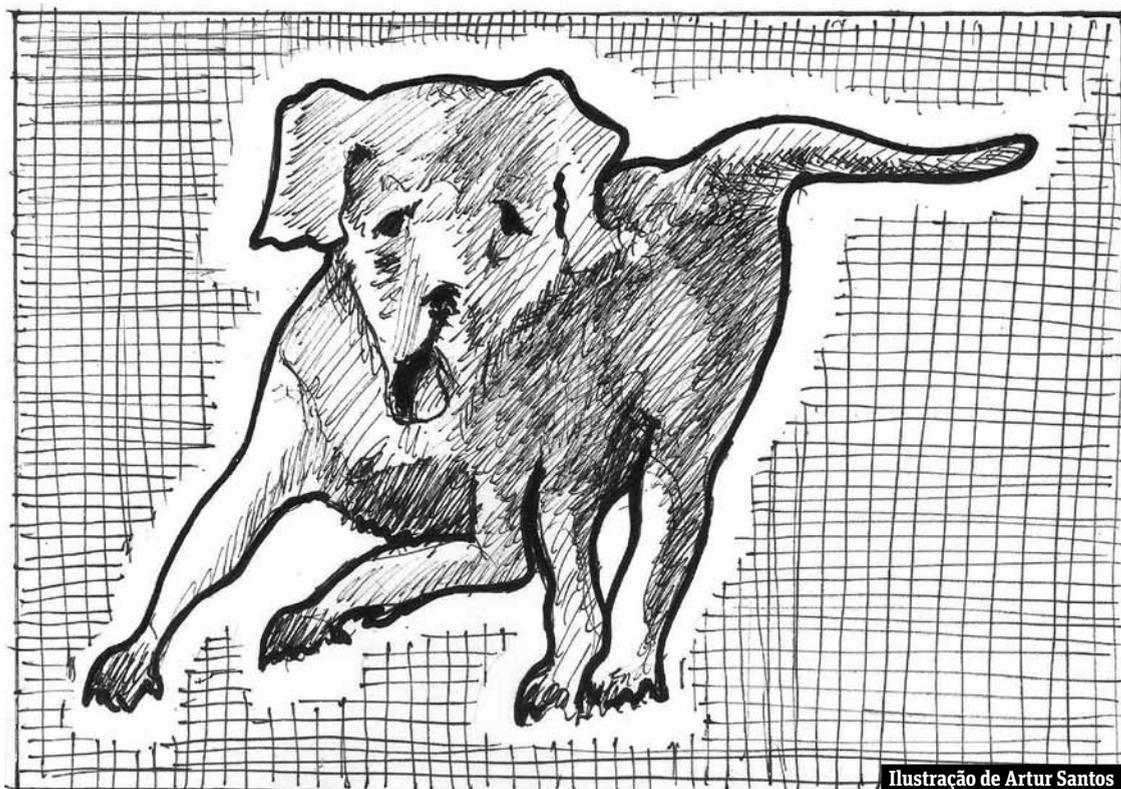


Ilustração de Artur Santos

Como come! Parece gostar do sítio. Fizeram-lhe uma festa enorme, não foi Boneca? Estás cheia de mimo.

O Alves vive numa casa rodeada de vegetação densa, um paraíso para a passarada. Cedros altos e grandes, muitas trepadeiras, uma glicínia enorme, uma nogueira grande, uma ginjeira, imensas roseiras de sebe, um pequeno horto e outras árvores. A casa está coberta de todo um manto verde, uma espécie de microclima.

Tem muitos animais, gansos, patos mudos, patinhos, galinhas, porquinhos-da-índia. Tudo ali convive em perfeita harmonia.

- E a Boneca dá-se com todos, não faz mal a nenhum, nem aos mais pequenos. Os olhos claros do Alves sorriem. Cabelo aloirado, corpo rijo e seco, boas mãos de pedreiro e carpinteiro, cumpridor como nenhum no seu ofício não lhe falta trabalho, qualquer um o jornadeia. Obra em que se meta é obra desengana-

da, para sair bem feita e para acabar. Bate as redondezas. É preciso cair, fazer um muro, deitar umas telhas, rebocar uma parede, fazer um forno, não se nega a nada. Toda a gente o aprecia.

Vive sozinho ele e a cadela. O casamento não deu certo, mais vale só que mal acompanhado parece pensar, ou melhor foi um amor de algum tempo que lhe deu um filho amigo dele.

Quando trabalha às vezes vai deixar a cadela a casa da mãe.

- E faz-me sempre festa quando eu torno e a vou buscar como se estivesse a perguntar:

- Por onde andaste que demoraste tanto tempo? e continua falando agora para a Boneca:

- Mas agora sou eu que te pergunto, minha tola. Por onde andaste? Eu imagino o que comeste! E nem quero imaginar o que passaste, corrida à pedrada pelo rapazio, afugentada, escondida, sacudida. O que é que comeste neste tempo todo, quase três semanas? Isto é que foram

umas férias, hem?! E tiveste sorte em virar para aqui e em dar com pessoas boas. - e explica - se fosse para a montanha estava perdida, é gente de pancadaria e tiros, tratam mal os animais, não querem saber de nada. Uns malandros. Mas virou para aqui, vá lá.

E continua:

- Olhe que ele há coisas. Apareceu-me na véspera de Natal e desapareceu-me na véspera da Páscoa. E quando eu já a dava como perdida, já desesperara de a encontrar a minha nora disse-me que vira um anúncio de uma cadela parecida no supermercado. Era ela. Tive sorte em dar com pessoas tão boas se não não sei o que seria. Que festa me fez! Olhe que ele há coisas...!

Os olhos do Alves parece que sorriem de a ver de volta e diz para a cadela com bondade:

- Não foi minha tonta? E tu ris-te? Estás em casa não é? O terreiro é bom? Torna a fazer outra que tu vês!



**Cláudio Lima**  
poeta

# Pirómanos

**M**al pressentiu o geep da Florestal lá em cima, na orla dos aceiros, o *Lagartixa* atirou com os fósforos para as chamas e aos trancos e barrancos galgou bouça abaixo, deixando após si uma densa e já larga frente de fogo. Era urgente alcançar o asfalto antes que a parafernália e o estardalhaço dos bombeiros e forças policiais confluíssem ao local; alcançar o asfalto e atravessá-lo, embrenhando-se na mancha verde de bouças e baldios da outra banda, assim despidando o faro das autoridades perseguidoras.

Não tardou que na torreira da tarde, varando um céu quieto e abrasador, o silvo das sirenes lhe batesse nos tímpanos. Ainda faltava um pouco de corta-mato para atingir a estrada municipal e estaria perdido se algum guarda ou bombeiro o surpreendessem na alucinada fuga.

Para trás, mais e mais alargava e progredia aquela onda de fogo, bouça acima, num estrelejar de cascas e de pinhas. E no ar começava o cheiro acre a resina e a essência de eucalipto e a dança esgarçada e efémera das fagulhas. Um que outro lancinante pio de ave dando o alarme a toda a bicharada residente. *Lagartixa*, do esforço e do medo, começava a sentir um quebranto que lhe tolhia os movimentos e lhe descomandava a respiração. As pernas, ademais de bambas, iam sendo golpeadas pelo denso tojo arnal e por um que outro escalheiro, sangrando-lhe as tibias até se colarem às calças. Mau passo, sem dúvida, aquela loucura de incendiar a bouça do Hilário. Mas já nenhum arrependimento poderia reverter o acto vingativo e criminoso que acabara de perpetrar. Agora a solução, ou arremedo dela, era retirar por rumos insuspeitos, baralhar pistas às autoridades e denunciadores, fazendo uma aproximação ao povoado pelo lado oposto ao do incêndio.

Ia nisto, quando a faixa serpenteante e escura do asfalto lhe surgiu à frente. Mais uns saltos de cabrito sobre moitas de tojos e carrascas, ou por um lombo de pedregulhos - e teria todas as hipóteses de manter a condição de insuspeito. Só que a ansiedade traiu-o; não olhou para a direita nem para a esquerda, nem os ouvidos, numa zoeira de esforço e excitação, lhe preveniram o risco fatal: a aproximação, a toda a brida, de um autotanque dos soldados da paz. Colheu-o em cheio, projectando-o a uns vinte metros, deixando-o entre a vida e a morte.



/  
Ainda convergiam para o local do incêndio várias viaturas dos bombeiros, da protecção civil e da guarda, quando, em sentido oposto, rolava uma ambulância a grande velocidade e estridente alarme, rumo ao hospital da vila. O sinistrado ia entre a vida e a morte, com o cabo enfermeiro a mais não poder fazer do que administrar-lhe soro e tentar estancar-lhe com garrotes e compressas os rasgões múltiplos por onde sangrava abundantemente. O médico de serviço acudiu a verificar-lhe os sinais vitais, tomou-lhe o pulso, examinou-lhe a pálpebra, apurou-lhe a sensibilidade na planta dos pés. E era de descrença a expressão que transparecia de seu rosto. Sem mais delongas, elaborou um relatório sumário que entregou ao cabo enfermeiro, orde-

nando ao motorista rumar de imediato para o Hospital de S. João, no Porto.

- É tempo perdido... Este já foi para os anjinhos... ou para o inferno. Não é preciso ter andado em Coimbra para apurar que o desgraçado já vai cadáver... - dizia o cabo enfermeiro para o motorista, estrada fora. E acrescentou:

- Estes médicos daqui chutam tudo o que podem para os hospitais principais; eles que examinem, que autopsiem e lavrem a *causa mortis*...

- É... E a malta que se lixe por aqueles corretores a federem a morte e a miséria. E a se-car horas a fio, até que as formalidades sejam cumpridas e nos libertem. Eu já me habituei a cochilar em cima do volante, mas vós é que tendes de aguentar a pastilha... - foi-lhe o condutor.



- Pois... O desgraçado deste incendiário já chegou morto e bem morto às urgências do nosso hospital; poderia muito bem transitar para a morgue. Mas não; Porto com ele...

- Incendiário?!

- Tens dúvida? Isto não sai de entre nós, mas foi o gajo que lançou fogo àquelas bouças. As autoridades que investiguem, que não sou eu a dar-lhes a pista. Mas olha... - e exibiu ao companheiro incrédulo um cubinho de acendalha - isto trazia ele no bolso das calças...

- Davas detective, estou a ver... Erraste a profissão...

/

- Nós não somos nada... O destino dá uma asoprada e lá vamos nós de cambulhada pa-

ra o outro mundo... - argumentava filosoficamente o Saraiva num magote de homens que vieram ao velório, em parte por consideração ao finado, em parte para apurar os zunzuns que grassavam pelo povoado de que o *Lagartixa* fora atropelado quando vinha de lançar fogo à bouça do Hilário, com quem trazia - era do domínio público - umas contas velhas e revelhas, de difícil quitação.

- É verdade, não somos nada... - anuíu o Lameiras, também sentencioso. A vida é uma rodinha que rola, rola, até que chega a morte e a faz parar...

Juntava-se mais gente. Afobada, com semblante e gestos de tragédia. Encomendavam o defunto, resmoendo orações e aspergindo-o copiosamente com o hissopo aos pés da urna. Depois, pesarosos e trapalhões, dirigiam-se aos doridos:

- Que tragédia, amigo Vasco!... O seu paizinho...

- Sou o André... O Vasco é aquele ali... - e apontava com o queixo o outro lado do esquite.

- Oh, perdão!... Claro que é o André... Eu é que já não atino, tal a mágoa por perder um velho amigo como o senhor seu pai... Vou-lhe contar uma passagem, éramos nós rapazes espigadotes, já a olhar para a sombra,

Uma seca.

Em bancos corridos, um coro de velhotas embiocadas em negros xailes, ao velho estilo das antigas carpideiras, bichanava as contas do terço, alternadas com uns ais entre profundos e dilatados. Quando, inesperadamente, da porta que dava para a cozinha, chegou um cheirinho delicioso a café. Foi como chamariz ao grupo de presentes, que logo abandonara a sala do velório para seguir no rasto daquele fiozinho de aroma que lhe excitava as narinas.

Quem fazia o café era a Laurinda, que ia relatando para os ouvintes uns recentes episódios.

- Coitadinho... Ainda domingo me pediu um arroz de sarrabulho (lágrimas) e que bem que lhe soube... (choro) Mal imaginava ele que (choro convulso) era a última vez que se regalava com comidinha tão boa... (lenço nos olhos) tão boa...

Não descuidava o café; café de borra em fervedor de barro, espesso e aromático, mesmo a pedir, por cima, um bagacinho e uma cigarada. Até a conversa ganhava outra animação, mais largo fôlego, com as gargantas desatadas e as ideias fluidas. Era escutar o macabúzio do Florindo, para ali parado que nem múmia e de repente, com o café e duas *branquinhas* no papo, a desfazer-se em prosa:

- Ai André... Como a velha da fouchinha nos prega destas partidas... Nem quero acreditar... Não vai há mais de oito dias que bebemos juntos umas malguinhas na feira de S. Brás. E se vissem como ele andava feliz da vida, confiante no futuro...

- Ao que sei, até estava a organizar uma lista para, nas próximas eleições, correr com o bandalho do Hilário... - acrescentou o Liminha, que se andava a fazer para secretário.

- Ai vida... que madrastra nos saíste... - rematou o Vasco, cortando a enxurrada de evocações. Estavam nisto quando o Gaspar precisou de verter águas e veio cá fora. Fumava e aliviava-se tranquilamente contra o muro do quinteiro quando, ao fundo do escuro, lá para os lados do Monte Calvo, um cordão de lume bruxuleava, ora ateando ora esmorecendo labaredas que marinham pelo fuste dos pinheiros. Sacudiu-se e veio pressuroso dar a notícia aos que ainda bebericavam na cozinha:

- Rapazes, agora é a bouça do nosso *Lagartixa* - Deus lhe fale com a alma - que está a arder...



**Artur Serra Araújo**  
argumentista e realizador

# Temos pena

**V**ejo que se assinam petições na internet, que se convocam manifestações pelo telefone e que se enchem páginas de jornais para defender uma causa que pouca gente conhece. Em tempos o cinema serviu a propaganda dos regimes fascistas. Infelizmente parece que agora é a propaganda a formar o cinema e a direccioná-lo no sentido que pretende. Não consigo fingir que acredito no que por aí se defende, nem acompanhar o movimento que grita pela salvação do cinema português através da Cinemateca. Pedir socorro através dos jornais é um mecanismo recorrentemente utilizado para salvar um circulo de amigos do desespero. Desde que a inatacável figura de João Bénard da Costa assumiu a direcção da Cinemateca, em 1991, e impôs uma ortodoxia critica na história do cinema português, esta instituição passou a representar uma única doutrina de se fazer cinema e a ignorar tudo o que surgia em seu redor. Não pretendo que se duvide do talento, nem da magnitude intelectual da figura de Bénard da Costa - entretanto falecido em 2009 - mas reduzir de forma vitalícia o cinema português à visão de um homem e às suas convicções é condená-lo ao aborrecimento e ao progressivo esgotamento. Enquanto museu e arquivo do Cinema, a Cinemateca Portuguesa possui um espólio completo e diversificado da cinematografia nacional. Através do depósito voluntário de obras, foi possível à instituição ir coleccionando uma significativa amostra de filmes que, na sua maioria, permanecem intactos à espera de serem validados pela doutrina em vigor. Sem querer equiparar a Cinemateca a uma extensa colecção de filmes, acredito que seja na eficiência da sua partilha e programação que deve residir o verdadeiro interesse público e cultural. Infelizmente continua a escolher-se os filmes de uma só prateleira e a alimentar o ego de uma comunidade artística que faz do cinema um culto autista e da cultura uma elevação pessoal. Sob a permanente recusa em emprestar cópias ou discutir ideias, foi-se reforçando o elitismo e o compadrio, fechando a porta a investigadores, cineclubes, universidades e públicos interessados em pensar fora da doutrina imposta. A cinemateca limitou-se a ser um museu de filmes e de pessoas



Ilustração de Mariana Baldaia

que mantêm determinados hábitos burgueses, contrastantes com a política anti-capitalista dos filmes que escolhem. Desde o motorista à respectiva direcção, a Cinemateca acredita que pode continuar a ser um abrigo vitalício de ideais, suportado financeiramente pelas receitas provenientes do mercantilista mundo televisivo. Silenciosamente, com a anuência da Cinemateca, a ficção nacional cresceu de forma desordenada, sem ter formado um público capaz de relacionar a qualidade autoral com o entretenimento. Sem descurar qualquer género artístico ou cinematográfico, cabe à Cinemateca ser a casa do Cinema Português, enquadrar num regime pacífico todos intervenientes nacionais e finalmente deixar de ser “senhora de um

só homem”. A Cinemateca e a sua programação deviam alimentar todas as cabeças pensantes do país e abandonar definitivamente o comodismo apalaçado que se impôs no seu interior. Os filmes não são prata, só se transformam em riqueza depois de visionados. Perdemos anos a vê-los fechados em Barata Salgueiro. Agora até as televisões estão ávidas por dinheiro ou novos conteúdos. Agora já não existem os cinemas e os cineclubes de todo o país que poderiam ter beneficiado do magnífico espólio nacional. Agora perdemos um público que fugiu para as superfícies comerciais e já não sabemos como o fazer voltar. Agora a Cinemateca está em crise, sem dinheiro e dependente de quem não a quer ajudar. Temos pena.

**5º CONGRESSO INTERNACIONAL REELC-ENCLS**  
Madeira - Funchal, de 26 a 28 de Setembro de 2013

## Ilhas e continentes: (re) construções identitárias

O *Círculo Literário Agustina Bessa-Luís*, com o apoio do CLEPUL, participa no REELC-ENCLS (<http://reelc.fri1.uni-lj.si/?q=event/5th-reelc-encls-international-congress-5eme-congres-international-5o-congresso-internacional>) com uma mesa temática, intitulada *O webmuseum Agustina Bessa-Luís - abordagens insulares. Será perspectivada a ilha, convertida em topos de criação e de inspiração literária e filmica, em obras de referência da autora (A Corte do Norte, Concerto de Flamengos e Party -*

*Garden-Party nos Açores)*, bem como a sua corporização em espaço museológico.

Intervenções de Cláudia Ramos (UFP / CLEPUL), Eduardo Paz Barroso (UFP / LabCom / CLABL), Isabel Ponce de Leão (UFP / CLEPUL / CLABL), Maria do Carmo Cardoso Mendes (UM / CEH / CLABL) e Sérgio Lira (UFP / CLEPUL / CLABL).

Os textos das conferências serão posteriormente divulgados na página do CLABL (<http://circulo.literario.agustina.org/>).

## Jornadas Europeias de Património

No próximo dia 21 de Setembro decorrerão no Solar Condes de Resende, em Vila Nova de Gaia, as comemorações das Jornadas Europeias de Património. Com início marcado para as 15 horas, contará com a apresentação de vários projectos de investigação que decorrem nesta instituição realizados pelos técnicos superiores da Casa e pelos investigadores do Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana. O evento assinala também os 25 anos de abertura do Solar Condes de Resende ao público. Entretanto, nesse dia será aberta ao público a exposição itinerante «Castelo de Crestuma: a Arqueologia em busca da História».

## XIII Encontro Nacional de Poetas

No próximo dia 21 de Setembro, pelas 10 horas, no Auditório Prof. Emídio Ribeiro, na Vila do Gerês, irá realizar-se o XIII Encontro Nacional de Poetas. O evento, ao qual o município terrabourense tem uma estreita ligação desde 2003, participando activamente na sua elaboração, promoção e divulgação, tem já uma projecção nacional assinalável e será organizado, mais uma vez, em termos de afluência de poetas e demais escritores, pelo jornal «Poetas & Trovadores» e pela Associação de Escritores Minhoto-Galaicos, «Calidum». De assinalar que é possível juntar-se ao grupo que parte do Porto, sob orientação do poeta e declamador Jorge Vieira, inscrevendo-se até ao dia 14 de Setembro (969963405; 224034010; jotajotapoeta1952@gmail.com).

## «Memórias de Adriano» em Livros Difíceis

A próxima sessão da rubrica Livros Difíceis levada a cabo na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, realiza-se no dia 24 de Setembro. José Medeiros Ferreira será o conferencista e abordará «Memórias de Adriano», de Marguerite Yourcenar. No dia 26, a actriz Isabel Ruth diz «Fotopoesia», acompanhada à guitarra por João Paulo Oliveira. No dia 27 haverá leituras por Jaime Rocha, Maria Manuel Viana, Rui Zink e Teolinda Gersão. Os convidados lêem fragmentos dos seus livros que receberam o Prémio Ciranda, no 14.º aniversário da editora Alma Azul. O dia 28 será dedicado a bebés dos 6 meses aos 3 anos, com um espectáculo com a actriz Cristina Paiva, poesia de Fernando Pessoa, música de Joaquim Coelho e ilustrações de Mafalda Milhões. As três primeiras sessões iniciam-se às 18h30 e são de entrada livre e a última (dia 28) começa às 16 horas e tem um custo de 5 euros por pessoa.

## Escavações em Crestuma

As escavações arqueológicas no Castelo de Crestuma terão uma nova intervenção no dia 22 de Setembro, no cais romano que se encontra soterrado na praia de Favaio. Recorde-se que este ano os trabalhos incidiram na encosta poente e nos níveis elevados daquela praia fluvial.

## Oficina de dramaturgia

A actriz e encenadora Renata Portas ministrará uma nova oficina de dramaturgia, organizada pela Livraria Poetria. A formação, em horário pós-laboral, das 20 às 22 horas, será composta por cinco sessões: 12, 19 e 26 de Setembro e 3

e 10 de Outubro. No fim do curso, terá lugar uma leitura encenada, com textos escritos pelos formandos. A oficina de dramaturgia destina-se ao público em geral, interessados na escrita cénica e na análise de espectáculos.

## Inscrições e bolsas de estudo

Até 30 de Setembro estão abertas as inscrições para a Professional Ballet School of Porto (sita na Fundação Fábrica Social). Encontram-se igualmente abertas candidaturas para duas bolsas de estudo para rapazes dos 10 aos 14 anos para o ano lectivo 2013/14.

## Lançamento de «Dar Sentido ao tempo»

Augusto Baptista apresenta, no sábado, 21 de Setembro, o livro «Dar Sentido ao Tempo - da Maianga ao Bonfim», de António Cadete Leite. Este é mais um livro a integrar a colecção Memória Perecível da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto (AJHLP). A sessão realiza-se às 18h30, na sede da AJHLP.

## «Media e Império Português»

A relação entre os media e o império português é o tema principal da conferência internacional que se realizará a 1 e 2 de Novembro, em Lisboa. O encontro tem uma base interdisciplinar, acolhendo estudos de jornalismo, comunicação, história, literatura, sociologia, geografia, antropologia e história da arte, entre outros domínios dos estudos humanísticos e das ciências sociais, que contribuam para a melhor compreensão das relações entre os media e a política imperial de Portugal desde o século XVIII até finais da década de 1970. A conferência terá os idiomas Português e Inglês. Os palestrantes que foram seleccionados devem enviar à organização o texto completo da sua comunicação até 30 de Setembro de 2013. A 31 de Outubro verifica-se a data limite de inscrição para assistir à conferência «Media e Império Português (séculos XVIII a XX)». Em Dezembro do próximo ano será publicado o livro resultante das comunicações seleccionadas.

## «Os Idiotas» no Auditório dos Oceanos

O Casino Lisboa estreia hoje a comédia «Os Idiotas», às 21h30. Os actores Aldo Lima, José Pedro Gomes, Jorge Mourato e Ricardo Peres são os grandes protagonistas deste ciclo de representações no Auditório dos Oceanos. Os espectáculos decorrem de quinta-feira a sábado às 21h30 e aos domingos às 16h30.

## Música ao vivo no Casino Estoril

As noites de animação no Lounge D, no Casino Estoril, prosseguem este mês com o regresso dos Inbox, de hoje (11) a 15. A banda protagoniza um pequeno ciclo de actuações, privilegiando alguns dos grandes êxitos do pop, soul, blues, rock, reggae e jazz. Num registo informal, os WoodNote actuam, de 18 a 22 e, posteriormente, de 25 a 27, e fazem recordar temas clássicos que vão desde o jazz até ao soul mais profundo. Com dois sets por noite, a música ao vivo constitui, de quarta-feira a domingo, uma das principais propostas no Lounge D do Casino Estoril. A entrada é livre.

## Entrega do Prémio Eduardo Prado Coelho

No dia 13 de Setembro será entregue o Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho 2012 à escritora Rosa Maria Martelo. A cerimónia está agendada para as 11 horas, na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, em Famalicão, e contará com as presenças do presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Armindo Costa, e do presidente da Associação Portuguesa de Escritores, José Manuel Mendes. O prémio, promovido pela Autarquia em parceria com a APE, foi atribuído unanimemente à autora natural de Vila Nova de Gaia, pela obra «O Cinema da Poesia».

## Feira do Livro de Gondomar

A promoção da leitura e a criação de uma cada vez maior consciência sobre o valor social e cultural do livro são as principais razões subjacentes à realização da 12.ª Feira do Livro de Gondomar. Esta iniciativa, que marca também o início das Festas do Concelho de Gondomar, decorre no Largo do Souto, até 15 de Setembro.

## Passear de bicicleta ou a pé

No próximo domingo (15 de Setembro), no âmbito da Semana da Mobilidade, Bragança propõe um Passeio de BTT Citadino, a partir do Teatro Municipal de Bragança, às 9 horas. O passeio de 25 quilómetros, tem duração prevista de 2h30. Ou pode participar no XXXVII Percurso Pedestre 'Enzonas' Peregrinação a Santa Rita de Cássia, com início no Campo Redondo. São 17 quilómetros de passeio de percurso linear e com um grau de dificuldade médio/baixo. No dia 19 serão apre-

sentados os livros «El Doctor Tomás Serrano de Paz», de Justo Garcia Sanchez, e «Provérbios - A Sabedoria do Povo Transmontano», de Adérito Augusto Custódio. A sessão terá lugar na Fundação «Os Nossos Livros», às 21 horas. O Dia Europeu Sem Carros, a 22 de Setembro, será assinalado com restrição ao tráfego no centro da cidade, entre as 9 e as 13 horas, e, entre outras actividades, com o percurso pedestre «Descobrir a Cidade», a partir das 9 horas, na Praça Cavaleiro de Ferreira.

## Victorino d'Almeida no Dias da Música

Sexta-feira (13 de Setembro), o Cine-Teatro Eduardo Brazão, em Valadares (Vila Nova de Gaia), acolhe o «Recital de piano com António Victorino d'Almeida». Integrado nos Dias da Música em Valadares, o espectáculo tem início às 21h30, com entrada gratuita.

## Recursos Humanos e Igualdade em debate

A Câmara Municipal de Fafe e a ADRAVE - Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave levam a cabo um seminário sobre a temática «A qualificação dos Recursos Humanos e Igualdade de Género na Administração Local» no dia 12 de Setembro, entre as 14 e as 18 horas, no Auditório Municipal. A iniciativa tem como objectivo apresentar a importância da Formação dos Recursos Humanos na qualidade dos Serviços Públicos, dando a conhecer, em particular, o projecto de formação, financiado no âmbito do Programa Operacional Potencial Humano, medida 3.4.-Qualificação dos Profissionais da Administração Pública Local, implementado pela Câmara Municipal de Fafe, assim como sensibilizar e despertar o interesse dos participantes para a temática da Igualdade de Género na Administração Local. A participação é gratuita, mediante inscrição prévia, que decorre até hoje (11 de Setembro).

Entretanto, o programa «Música na Rua», promovida pela autarquia e que tem a colaboração de grupos de jovens músicos e artistas locais, prossegue ao longo do mês de Setembro, agora às sextas-feiras, em vez das quintas, mantendo-se a hora de começo das actuações (22 horas).

## 3.ª Feira Afonsina

Entre os dias 13 e 15 de Setembro, a Feira Afonsina promete uma viagem inesquecível no tempo, na história de Portugal. Num reencontro com o imaginário, o centro histórico da cidade berço volta atrás no tempo. As ruas, largos e praças recriam o ambiente social e económico da época do Condado Portucalese com espectáculos, recriações históricas e zonas de mercados, artífices e iguarias. Durante os três dias do evento, a Feira Afonsina proporciona a todos os que visitam Guimarães um conjunto de experiências intensas e memórias inesquecíveis, através da construção de espaços temáticos e da interacção com as personagens que habitam esta recriação histórica. Naquela que é a sua 3.ª edição, a Feira Afonsina mantém a linha cronológica das edições anteriores...

## XIII Desfolhada à Moda Antiga

A XIII Desfolhada à Moda Antiga, uma co-organização do Rancho Folclórico de Paranhos e da Junta de Freguesia, realiza-se no dia 21 de Setembro. A recriação da tradição terá lugar na Quinta de S. Romão, às 21h30, com entrada livre.

## Formações na Casa da Cultura

A Casa da Cultura de Paranhos (Porto) reinicia em Outubro a sua actividade formativa 2013/2014. Assim, estão abertas as inscrições para algumas das formações abertas à população (casadacultura@jffparanhos.pt).

## Chega ao fim a 17.<sup>a</sup> Bienal de Cerveira

“A Bienal de Cerveira passou de lugar de passagem para um lugar de encontro”, referiu José Manuel Vaz Carpinteira, presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, no âmbito da conferência comemorativa dos 35 anos da bienal de arte mais antiga do país, «35 anos, Bienal de Cerveira», que decorreu na Biblioteca Municipal. Consensual foi a ideia que o certame é hoje um marco na cultura e um ritual de encontro para muitos artistas, tendo sido referido o carácter experimental e improvisado das primeiras bienais de Cerveira, pioneira da performance em espaço público.

A Bienal de Cerveira encerra no próximo sábado, 14 Setembro 2013, com concertos e várias actividades de rua.

Marina Abramovic, vencedora do Prémio Cervo 17.<sup>a</sup> Bienal de Cerveira, mostrou-se “muito honrada e orgulhosa por ter ganho o 1.<sup>o</sup> Prémio” pela vídeo-performance «The Onion». “Para um artista é sempre muito importante saber que o trabalho é reconhecido e aceite”, asseverou a artista sérvia. Beatriz Albuquerque foi distinguida com o Prémio Revelação 17.<sup>a</sup> Bienal de Cerveira pela instalação/performance «Crisis of Luck», na qual a artista assume a metamorfose na sacerdotisa e no orá-

culo que prediz uma resposta e responde às perguntas em relação à crise em que vivemos. O Prémio Instituto Português do Desporto e Juventude foi atribuído à obra «Clóture de Berlin - ordre 101», de Jérémy Pajeanc & Kostyantyn Stepanyk, dois jovens artistas antigos alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foram concedidas duas Menções Honrosas: ao artista brasileiro Marcos Chaves pela instalação em site specific «Gotas de Cristal» e à obra «Trilogy of Nicola's death III and IV», da artista Nicola Costantino, que representou a Argentina na 55.<sup>a</sup> Bienal de Veneza.

### Apresentação de «A Bruxa de Grade»

No próximo dia 14 de Setembro, às 18 horas, o Centro Cultural de Amarante promove a apresentação do livro «A Bruxa de Grade», de Paula Teixeira Queiroz, premiado este ano com o Prémio Literário Aldónio Gomes, atribuído pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. A autora será apresentada por Luís Van Zeller de Macedo e Rui Coelho dos Santos fará a apresentação e crítica da obra. A Marinho Pinto caberá fazer a apreciação de Paula Teixeira Queiroz como advogada e escritora e o encerramento da sessão, que contará com um momento musical por José Lacerda e Megre, estará a cargo da própria autora.

### Prémio Jovens Músicos

A edição deste ano do Prémio Jovens Músicos culmina com a realização do 3.<sup>o</sup> Festival Jovens Músicos, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, entre os dias 26 e 28 de Setembro. O concurso é promovido anualmente pela RTP através da Antena 2, com o objectivo de descobrir novos talentos e promover os jovens intérpretes nacionais (ou residentes em Portugal) na área da música erudita. Vai já na 27.<sup>a</sup> edição.

### Empreendedorismo da FLUP

A equipa de investigação do Projecto «Empreendedorismo Social em Portugal: as políticas, as organizações e as práticas de educação/formação» leva a cabo um seminário de apresentação dos resultados da pesquisa efectuada no triénio 2010-2013. A sessão irá decorrer no dia 20 de Setembro, no Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a partir das 9 horas. A participação é gratuita, estando sujeita a inscrição em <http://empsoc.net/>.

### Maratona fotográfica

A Cidade Europeia do Desporto e a FNAC Guimarães vão promover uma maratona fotográfica, que acontecerá no dia 21 de Setembro, às 9 horas, com partida do Multisus de Guimarães. Sendo a actividade desportiva o tema central desta iniciativa, os participantes serão obrigados a realizar um périplo por instalações, clubes e jogos que estejam a realizar-se no dia da prova. As inscrições decorrem até ao dia 13 de Setembro e são realizadas exclusivamente no balcão da loja Fnac Guimarães, tendo um custo de 18 euros.

### Dia Europeu das Línguas

Para celebrar o Dia Europeu das Línguas, que se assinala a 26 de Setembro, a Eunic (organização dos institutos culturais nacionais europeus) leva a poesia ao Metro de Bruxelas (na estação Kruidtuin/Botanique e em todos os metros circulantes). Uma selecção de 24 poemas de 24 países, em 21 línguas, será exposta na língua original e nas duas línguas oficiais da Bélgica (neerlandês e francês) para os passageiros. A Embaixada de Portugal na Bélgica, o Instituto Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, e a Orfeu seleccionaram um poema de José Tolentino Mendonça (o ano passado foi do poeta Vasco Graça Moura).

### ON em Amarante

A Orquestra do Norte (ON) regressa aos palcos no dia 21 de Setembro com os Solistas da ON e obras de Samuel Barber, Albinoni e Bottesini. Cátia Rocha no clarinete, Daniel Bernardino no fagote e Nelson Fernandes no contrabaixo serão dirigidos por José Ferreira Lobo. No dia 28, ouvir-se-ão composições de Beethoven, Nuno Côrte-Real, Robert Schumann e Brahms. Nuno Côrte-Real, compositor e maestro, estará na direcção da orquestra. Os dois espectáculos realizam-se às 22 horas, em Amarante, no Auditório da Escola Secundária.

### Harvest Talks no DFH 2013

A 5.<sup>a</sup> edição do Douro Film Harvest (DFH), que se realiza entre 14 e 21 de Setembro, apresenta de novo um conjunto de conversas e conferências dedicadas à reflexão e à troca de ideias e experiências sobre vinho e gastronomia, são as Harvest Talks. Assim, na abertura do evento, o DFH apresenta a primeira, sob o tema «O Vinho na Dieta Mediterrânica do Douro», na Quinta do Portal, em Sabrosa. O episódio «Quo Vademus?» da série «Mondovino» (Jonathan Nossiter) serve de pano de fundo para a segunda tertúlia com a participação de Paula Prandini (realizadora de «Vinho de Chinelo») e Jonathan Nossiter, realizador do filme Mondovino. Pedro Graça, da Associação Portuguesa de Nutricionistas, irá também expor os seus pontos de vista, numa conversa a ser moderada pelo jornalista Pedro Garcias. A Harvest Talk «Sushi» realiza-se a 17 de Setembro, com José Silva, crítico de gastronomia, Sónia Mendes da Associação Portuguesa de Nutricionistas e Ricardo Campos Costa, proprietário de dois restaurantes para uma conversa após jantar e visualização do filme a concurso na categoria «Food Films», «Jiro Dreams of Sushi». «Como promover o novo Douro no mercado asiático?» tem lugar a 19 de Setembro, onde participará José Maria Soares Franco, enólogo, David Eley, curador e autor do mais recente mapa ilustrado do Douro e Warwick Ross, realizador de «Red Obsession», o filme que antecede o jantar.

«OS INGLESES GOSTAM DE LAMPREIA» É O NOVO LIVRO DE GIL NUNES

# “Faço parte da geração MTV”

É já no próximo sábado às 18h30, no arquivo municipal Sophia de Mello Breyner - em Gaia -, que o escritor Gil Nunes nos apresenta a sua nova obra: «Os Ingleses Gostam de Lampreia» da editora SEDA Publicações. Um estória que tem os ingredientes certos para ser um sucesso: romance, dinheiro, crime e «lampreias». O escritor aposta numa narrativa actual e com humor. Ligado às letras desde os 19 anos, com diversos livros publicados, Gil Nunes não escreve compulsivamente, pelo contrário, obedece a um método e estratégia definidas.

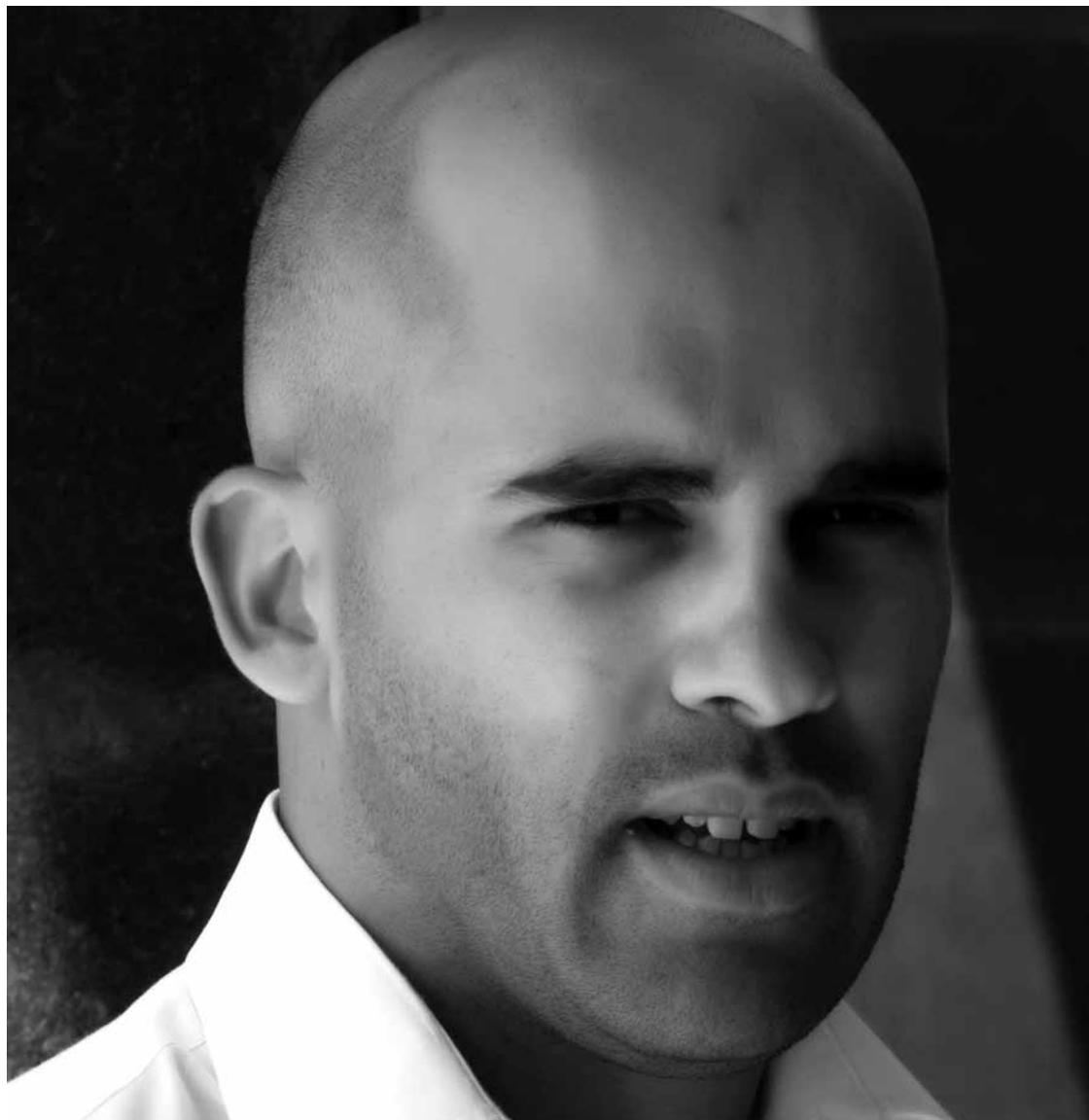
MARIA JOSÉ GUEDES  
FOTOS: HERNÂNI GONÇALVES

## “Os Ingleses gostam de Lampreia”?

Uma lampreia bem preparada agrada a toda a gente, portanto deduzo que também aos ingleses, eles que são grandes adeptos da gastronomia portuguesa! Trata-se de um título arriscado, aliás como é hábito nos meus trabalhos - “O Pai de Deus é Electricista”, “Os Pensos de Fígaro” ou “Amo-te num Saco de Cimento” - que vem ao encontro da estrutura do título que mais me agrada - original, diferente, entrando um bocadinho na ideia “parva”, que depois tento desconstruir ao longo da narrativa. Tento ir na onda de livros cujos títulos me ficaram no ouvido como “O Homem que era Quinta-Feira”, “O Diabo Veste Prada” ou “A Rapariga que Sonhava com uma Lata de Gasolina e um Fósforo”. Gosto de títulos com sonoridade.

Esta nova obra dá abrigo a «velhos» personagens (Ana e Sérgio). Foi uma ideia subtraída aos policiais? Qual é o fio condutor?

Ana e Sérgio (o casal da historinha muito linda) é uma personagem que entra em “Os Pensos de Fígaro”, já no desenlace da história. Acontece que, na altura, e em jeito de balanço, entendi que aquela personagem tinha potencial, mas foi na altura mal aproveitada. Desse modo deixei-a de certo modo em estado criogénico e agora, em “Os Ingleses Gostam de Lampreia”, despertei-a e procurei potencia-la ao máximo. É talvez a personagem que mais trabalho me deu a construir, dado que só se expressa através de citações. Envolveu muita pesquisa. É uma personagem que tento que seja reflexo da



sociedade: muita harmonia e felicidade à primeira vista que depois se desvanece numa data de deficiências que, no fundo, demarcaram uma relação periclitante e repleta de fissuras. Como é muito comum na sociedade em que vivemos. Na minha opinião as boas relações não vivem de citações bonitas mas sim de grande conhecimento e aceitação mútua.

## Com que estória nos vamos envolver neste livro?

“Os Ingleses Gostam de Lampreia” conta a estória de um inglês natural de Bexhill - on - Sea que, após ganhar o euromilhões, decide mudar-se para Portugal na companhia da namorada Dorothy e do melhor amigo Matthew. Em Lisboa, depois de algumas peripécias, instala-se num prédio na rua do Possolo onde vivem um Ministro - o Ministro Carlos Martins (o tipo

com a barba mais bem feita do regime) - um vietnamita, Ana e Sérgio (o casal da historinha muito linda), e Elizabete - uma jovem portuguesa com problemas de exclusão social. É este o quadro de um crime que vai ocorrer e que, entre outras coisas, vai levar o leitor a conhecer a relação entre as lampreias e a investigação do crime, a cargo da Inspector Cláudia Pires e do aleatório Agente Santos. Escolhi Bexhill - on - Sea pela curiosidade que a cidade sempre me despertou nas obras de Agatha Christie, onde é referida com muita frequência. É o “B” dos famosos “ABC Murders”

## Esta sua paixão pela literatura começou cedo, mas houve algum episódio que o fez viciar nas letras?

Eu estudei economia até aos 19 anos mas, por muito que me tivesse dedicado, nunca fiz daquela área a minha paixão. Portanto, a par-

por aquela que me sinto mais à vontade - a inglesa. Daí "Os Ingleses Gostam de Lampreia" e não "Os Franceses". Como eu costumo dizer faço parte da "geração MTV"!

#### Ser escritor em Portugal dava um livro?

É uma questão pertinente, mas para a responder como pretendo prefiro alargar o alcance da resposta. Vivemos num mundo globalizado, que nos permite receber os conteúdos em diversas plataformas: há o livro mas também há cinema, teatro, internet, televisão, a web 2.0, etc. Ou seja, na minha opinião quem escreve tem de tomar em linha de conta essas premissas: a concorrência não se faz apenas numa prateleira de livraria mas sim num mercado muito amplo e diversificado. No fundo, o autor não está a escrever um livro mas sim um conteúdo. Desse modo penso que um conteúdo tem mais hipóteses de êxito se for diferente do padrão habitual. Opto por escrever trabalhos surrealistas não só por me identificar com o estilo mas também por saber que são difíceis de encontrar em Portugal, dando-me assim a oportunidade de explorar mais público. É um nicho de mercado, por assim dizer. Seja como for, e agora reduzindo o alcance da resposta, considero que os escritores em Portugal são pouco homogêneos. Há os "muito bons" e os "muito maus". Há, na minha opinião, uma franja reduzida de escritores razoáveis. Aquilo que eu critico é alguma falta de adaptabilidade do mercado: toda a gente tem direito a escrever um livro mas esse segmento tem de ser inserido num mercado específico, num determinado contexto. Depois, tal como se faz no futebol, filtrar entre aqueles que têm talento para jogar nas ligas profissionais e os demais. Agora o futebol, quando nasce, é para todos!

#### Escreve compulsivamente?

Não! Aliás eu costumo dizer que não faço nada compulsivamente. Com paixão e dedicação sim, compulsivamente não, pois pode-se levar ao fanatismo. Não penso em literatura nas 24 horas do meu dia. A literatura faz-se também de pausas, de momentos de alheamento do processo de escrita. Ao escrever geralmente obedeco a um método e a um plano de trabalho: um mês de estruturação da história, seis de produção maciça, um de pausa e novamente um mês de produção do desenlace da história. Quando estou a escrever, a escrita ocupa uma parte do meu dia, um determinado horário. Tenho, felizmente, muitas outras coisas na minha vida para além da escrita.

Lembro-me, por exemplo, que neste livro parei propositadamente uma semana para acompanhar as finais da NBA. Assumi uma ligeira derrapagem no meu primeiro plano e depois retomei. É assim que me sinto como peixe na água.

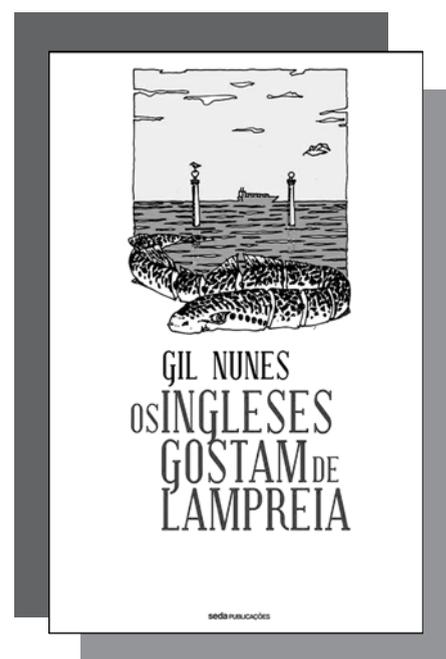
#### Já está a alinhar a próxima obra?

Sim, tenho algumas ideias na cabeça. Desta vez quero adaptar o novo trabalho às vias que fiz, construindo um livro que possa ser também um roteiro turístico "camuflado". Primeiro vou partir do espaço através daquilo que conheço e daquilo que vivi nos países que visitei. Filtrar os episódios mais interessantes, os locais mais memoráveis. Depois construir personagens para cada um dos locais, que possam saltar de um ponto para o outro sem com isso se desvirtuar a história. Ainda estou indeciso em relação ao clímax mas até Outubro, altura em que começarei a elaborar o plano de trabalho, terei de tomar uma decisão. Mas há o objectivo de desprender-me um pouco do surrealismo. Um pouco como fiz em "Um Cocktail em Alcatraz", um conto que resultou muito bem e que quero ter como uma das referências para este novo trabalho.

#### Qual a sua ambição como escritor?

Para responder volto à quinta questão - considero que em Portugal o panorama de escritores é pouco homogêneo. Como tal a minha ambição é colocar-me no clube certo e ser identificado pelo público ao lado de nomes como David Machado, Patrícia Reis, Tiago Rebelo, José Luís Peixoto ou Jorge Marmelo. Naturalmente que ninguém agrada a toda a gente mas se tiver um bom conjunto de leitores a colocar-me no lote dos bons sentir-me-ei muito realizado. Agora, claro está, para tal é necessário uma frequência de trabalho. Escrever um livro agora e outro daqui por cinco anos não é possível. Tem de haver uma cadência. Sou contra epifenómenos mas também sou contra compulsividades! Quero agradecer a aposta e a confiança que a Seda publicações fez no meu trabalho.

tir daí decidi nortear (ou pelo menos tentar) a minha vida em torno das quatro actividades que mais prazer me dão: futebol, NBA, viagens e literatura. Nessa altura tive a consciência de que precisava de mudar, e dar uma sapatada na minha vida. Não me arrependo. No campo da literatura procurei sempre ter uma abrangência global. Tenho na minha lista de escritores favoritos Orhan Pamuk, Amos Oz, Ismail Kadare, Alice Munro, Somerset Maugham, Agatha Christie, George Orwell, Tom Sharpe, Kjell Askildsen e Ray Loriga. Tento ter uma abrangência vasta, até porque a globalização nos permite isso hoje em dia. Este livro em particular enquadra-se um pouco na minha paixão pela produção inglesa: para além dos autores os filmes e séries britânicas de que sempre fui fã e que moldaram a minha personalidade. Precisando de uma cultura não-portuguesa para inserir num trabalho, optei



## A gastronomia de Camilo

José Viale Moutinho, conhecido investigador de Camilo Castelo Branco, debruça-se aqui sobre a gastronomia na obra de Camilo. Percorrendo os inúmeros livros do escritor e textos dispersos, recolheu as invulgares citações relacionadas com alimentação e procurou descobrir o modo de confecção da época. Desde a truta de escabeche ao toucinho-do-céu, encontram-se em «Camilo Castelo Branco e o Garfo» dezenas de citações e receitas.



## Uma canção de ninar

“A manhã se estendia à minha frente como se fizesse presente apenas para mim. Ao fundo, depois do gramado, o lago rebrilhava devolvendo ao sol a generosidade da luz abundante”. Carlos Magno de Melo, autor do romance «Uma canção de ninar para o diabo», é médico e tem já vários títulos pu-

blicados. O conto «A marmita» foi escolhido pela Thesaurus para participar no «Projecto Livro na Rua».



## Uma visão de Natália Correia

Nos 90 anos do seu nascimento, uma visão da poesia de uma grande voz da língua portuguesa. “Quando se percorre a poesia escrita por mulheres ao longo do século XX português, o nome de Natália Correia continua a surgir como um dos que causaram uma repercussão mais duradoura, quer pela sua personalidade forte e polémica, quer pelo alcance da sua obra literária”, diz Fernando Pinto do Amaral no Prefácio de «Natália Correia | Antologia Poética», cuja organização e selecção também assina. Este é um livro que poderá facultar aos leitores do século XXI uma visão de conjunto da poetisa Natália Correia.



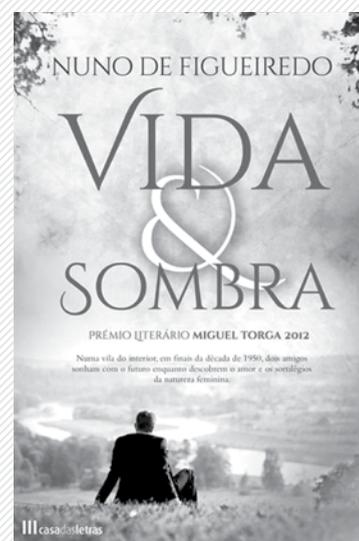
## Viagem desde 1950

«Na Voz da Esperança há Lágrimas» é o título do livro mais recente de Isabel Gouveia. Obra impressionante que reúne toda a poesia da autora. Ao longo de 570 páginas, algumas das quais ilustradas com mestria por José Pires, que também assina a capa, Isabel Gouveia faz uma viagem no tempo que começa em 1950.

No Prefácio, assinado por Fernando Pinto do Amaral, pode ler-se que a autora cultiva “com à vontade um estilo integrável na tradição lírica portuguesa e assente em leituras de poetas como Pascoaes, Pessoa, Torga, Florbela Espanca, ou, acima de tudo, José Régio, a escrita de Isabel Gouveia privilegia muitas vezes o soneto, podendo afirmar-se que é através dessa forma que atinge alguns dos seus momentos mais fortes, mais intensos, mais carregados de sentido. .../... Oscilando quase sempre entre um registo biográfico intimista, propício a extravasar emoções circunstanciais relacionadas com o decurso da sua existência e, no pólo oposto, composições de maior fôlego nas quais procura analisar – por vezes com humor ou ácida ironia – a sociedade exterior, nos seus fascínios e contradições.”



## Sonhar o futuro



Numa vila do interior, em finais de 1950, dois amigos sonham com o futuro enquanto descobrem o amor e os sortilégios da natureza feminina. Sabem que o objectivo de ambos é a cruzada pelo Bem, a Justiça e a Liberdade, e que os caminhos da sua realização, embora divergindo, se complementam: enquanto o narrador quer ser escritor para nomear e descrever o mundo, Carlos Santiago sonha com a acção e o risco para transformá-lo. Após o trágico e misterioso desaparecimento de Santiago, e diante da euforia de Portugal na CEE, o narrador decide regressar à sua terra de origem e escrever um último livro... «Via & Sombra», de Nuno de Figueiredo, ganhou o Prémio Literário Miguel Torga 2012, da Câmara Municipal de Coimbra.

Soluções Poupança Jovem

# Aprende a poupar e a surfar.

Até 31 de Outubro, oferta de uma aula de surf na constituição ou reforço de uma Solução de Poupança Jovem no mínimo de € 100. Oferta limitada a um voucher por conta.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, [www.bancobpi.pt](http://www.bancobpi.pt) e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).



Mais informações  
através do QR Code.



Festas do  
Concelho de Gondomar

# XIII

FEIRA  
DO  
LIVRO

6-15  
Set. 2013  
Largo do Souto  
GONDOMAR

Gondomar... ressonâncias... histo...  
Vários achados revelam...  
velhas raízes da vivên...  
humana neste local dese...  
pré-história. A explor...  
das minas de ouro...  
regiões próximas...  
posição estratégica...  
"Castro" comprov...  
permanência dos R...  
nestas terras. Entr...  
versões, a den...  
"Gondomar" é at...  
rei visigodo C...  
que, em 610...  
fundado um c...  
de não haver...  
cavaleiros...  
Gondomar...  
primeiro foi...  
D. Sancho...  
tarde, foi...  
Gondomar...  
ressonân...  
Vários :...  
velhas...  
humana...  
pré-h...  
das...  
regi...  
pos...  
"C...  
pe...  
n...